



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Centro de Ciências Sociais

Instituto de Filosofia e Ciências Humanas

Leandro Augusto Martins Junior

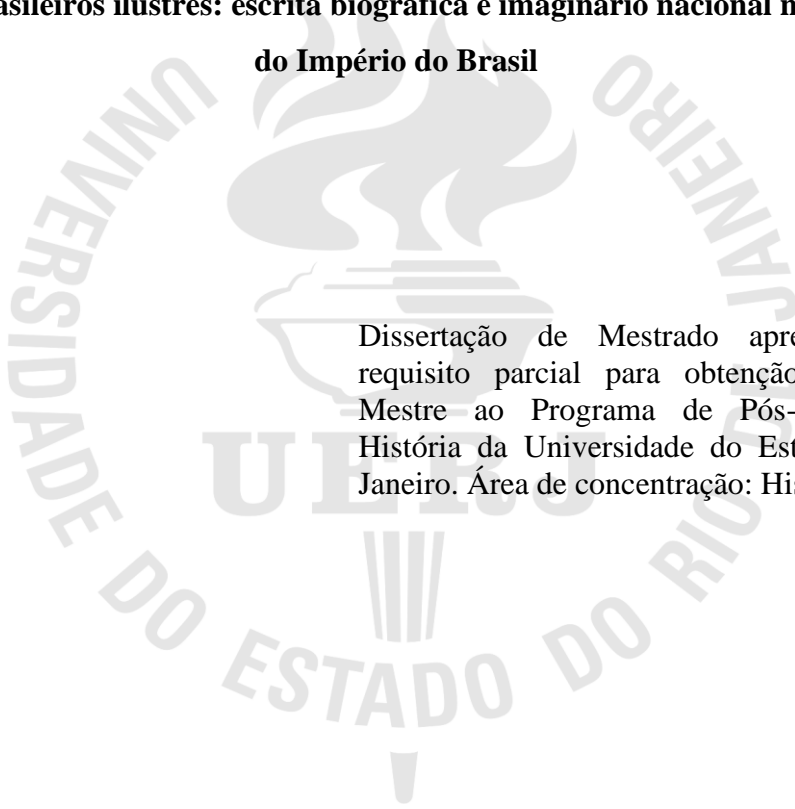
**Galeria dos brasileiros ilustres: escrita biográfica e imaginário nacional na
consolidação do Império do Brasil**

Rio de Janeiro

2010

Leandro Augusto Martins Junior

**Galeria dos brasileiros ilustres: escrita biográfica e imaginário nacional na consolidação
do Império do Brasil**



Dissertação de Mestrado apresentada como
requisito parcial para obtenção do título de
Mestre ao Programa de Pós-Graduação em
História da Universidade do Estado do Rio de
Janeiro. Área de concentração: História Política.

Orientadora: Profa. Dra. Márcia de Almeida Gonçalves

Rio de Janeiro

2010

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ / REDE SIRIUS / BIBLIOTECA CEH/A

M357 Martins Junior, Leandro Augusto.
Galeria dos brasileiros ilustres: escrita biográfica e imaginário nacional na consolidação do Império do Brasil / Leandro Augusto Martins Junior. – 2010. 93 f.

Orientador: Márcia de Almeida Gonçalves.
Dissertação (Mestrado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.

1. História – Teses. 2. Brasil – História – Império, 1822-1889 – Teses. 3. Litografia – Teses. I. Gonçalves, Márcia de Almeida. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. III. Título.

es CDU 94(81)

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta dissertação, desde que citada a fonte.

Assinatura

Data

Leandro Augusto Martins Junior

**Galeria dos brasileiros ilustres: escrita biográfica e imaginário nacional na consolidação
do Império do Brasil**

Dissertação de Mestrado apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: História Política.

Aprovado em 18 de maio de 2010.

Banca Examinadora:

Profa. Dra. Márcia de Almeida Gonçalves (Orientadora)
Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ

Profa. Dra. Lucia Maria Paschoal Guimarães
Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ

Profa. Dra. Adriana Barreto
Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ

Rio de Janeiro

2010

AGRADECIMENTOS

Todo meu carinho e afeto à professora Márcia de Almeida Gonçalves, orientadora dedicada e paciente. Agradeço a origem e desenvolvimento deste trabalho, bem como os conselhos dados ao longo destes oito anos de convivência. À Márcia, dedico esta dissertação, possível somente por sua orientação.

Agradeço à professora Lúcia Maria Paschoal Guimarães, presente em toda minha formação acadêmica, desde a graduação até o momento final desta dissertação. Agradeço ainda à professora Adriana Barreto pelos proveitosos conselhos oferecidos no momento da qualificação deste trabalho, bem como sua presença na banca de defesa desta dissertação.

Ao professor Manoel Luís Salgado Guimarães, agradeço não apenas por sua valiosa participação na qualificação desta dissertação, mas fundamentalmente por sua grandiosa relevância em minha formação acadêmica.

Segunda casa desde os meus dezessete anos, agradeço à Universidade do Estado do Rio de Janeiro, instituição presente em minha vida desde a graduação. Agradecimento especial ao Programa de Pós-Graduação em História desta universidade, entidade pela qual desenvolvi esta dissertação.

A Léa e Leandro, pais amorosos, por terem tornado possível as glórias da minha vida. Agradeço o apoio nos momentos mais difíceis, a compreensão com o meu (não raro) mau humor, a admiração curiosa com meu ofício, o carinho em todos os momentos. Dedico este trabalho a vocês, com todo meu amor.

A Gilberto e Mônica, irmãos com as responsabilidades de padrinhos, pela paciência com todas as pirraças infantis e frescuras de adolescente. Agradeço ainda por todas as fraldas trocadas, figurinhas recolhidas no chão e carros desenguiçados.

Se um dia precisar da minha vida, vem e tome-a!

Anton Tchekhov

RESUMO

MARTINS JUNIOR, L. A. *Galeria dos Brasileiros Ilustres*: escrita biográfica e imaginário nacional na consolidação do Império do Brasil. 2010. 93 f. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2010.

Em um momento duplamente caracterizado pelo uso da História como via de legitimação dos Estados Nacionais e pelo reconhecimento da mesma como um *saber disciplinar*, o século XIX assiste igualmente a ampliação do debate acerca da relação entre os gêneros histórico e biográfico. Entre aceitações e repúdios, tal proximidade foi ainda caracterizada por se inscrever, em terras brasileiras, na construção de um projeto de nação baseado no princípio monárquico de governo, e em valores e práticas de um certo imaginário nacional garantidor, entre outros aspectos, do caráter unitarista e centralizador do regime então instaurado. Em tais temporalidades, o francês Sebastião Augusto Sisson produz sua *Galeria dos Brasileiros Ilustres* (1859-1861), obra por nós entendida como manifestação do uso da biografia na qualidade de discurso fundador e difusor da memória e da identidade da nação brasileira. Pretende-se, então, investigar e caracterizar o lugar de tais textos biográficos nessas estratégias discursivas, promovendo, em especial, uma discussão acerca do uso e significação dos conceitos de herói, ordem e civilização, entre os esforços investidos da tarefa de elaborar os retratos de papel e letras daqueles personagens cujas vidas individuais vieram a ser tomadas como referenciais para a escrita de uma história da nação, em tempos de vigência do princípio monárquico de governo.

Palavras-chave: Escrita Biográfica. Imaginário Nacional. Império do Brasil. Litografia. Memória Histórica. Teoria da História.

ABSTRACT

MARTINS JUNIOR, L. A. *Gallery of Illustrious Brazilians*: biographical writing and nacional imaginary in the consolidation of Empire of Brazil. 2010. 93 f. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2010.

In this article, we will analyze the workmanship of Sebastião Augusto Sisson named “Gallery of the Illustrious Brazilians” (1859-1861). This is understood for us as a manifestation of the use of the biography in the quality of founding and diffusing speech of the memory and the identity of the Brazilian nation. It is intended to investigate and to characterize the place of such biographical texts in these speech strategies, arguing the uses and meanings of the hero, order and civilization as concepts invested in the task to elaborate pictures of paper and letters of characters whose individual lifes had been taken as examples for the writing of the Brazilian nation story.

Keywords: Biographical Writing. Nacional Imaginary. Empire of Brazil. Lithograph. Historical Memory. History Theory.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 -	Litografia do Barão de Mauá	35
Figura 2 -	Litografia do Marques de Caxias	37
Figura 3 -	Litografia de Diogo Antônio Feijó.....	38
Figura 4 -	Litografia do Marquês de Maricá.....	39
Figura 5 -	Litografia do Barão de Suruí.....	39
Figura 6 -	Litografia do Marquês de Valença	40
Figura 7 -	Litografia de Francisco de Lima e Silva	40
Figura 8 -	Litografia de Martim Francisco Ribeiro De Andrada	43
Figura 9 -	Litografia de Fr. Francisco do Monte Alverne.....	44
Figura 10 -	Litografia de D. Pedro II	46
Figura 11 -	Litografia de Teresa Cristina Maria	47
Figura 12 -	Litografia do Barão de Muritiba.....	51
Figura 13 -	Litografia do Marquês de Paraná	52
Figura 14 -	Litografia do Visconde de Itaboraí.....	52
Figura 15 -	Litografia do Visconde do Uruguai.....	53
Figura 16 -	Litografia de João da Silva Carrão	54
Figura 17 -	Litografia de Teófilo Benedito Otôni.....	55
Figura 18 -	Litografia de Sébastien Auguste Sisson	63
Figura 19 -	Litografia de Lemercier em Paris	64
Figura 20 -	Anúncio da Litografia de Sisson no Almanaque Laemmert no anuário de 1877	65
Figura 21 -	Cromolitografia presente no Álbum do Rio de Janeiro Moderno.....	66
Figura 22 -	Litografia do Frei Antônio de Arrábid	69
Figura 23 -	Litografia de José Clemente a Pereira.....	69
Figura 24 -	Litografia do Marquês de Paranaguá	70
Figura 25 -	Litografia do Barão de Campo Grande	70
Figura 26 -	Litografia de João Manuel Pereira da Silva	73
Figura 27 -	Litografia de Domingos Borges de Barros.....	74
Figura 28 -	Anúncio publicado em 1859 apresentando o 1º volume da Galeria dos Brasileiros Ilustres	76
Figura 29 -	Litografia das princesas Isabel e Leopoldina	80
Figura 30 -	Litografia do Barão de Caçapava	82

Figura 31 - Litografia de Francisco Diogo.....	83
Figura 32 - Litografia de José Antônio Saraiva	83
Figura 33 - Litografia do Visconde do Rio Bonito	84
Figura 34 - Litografia do Barão de Iguaraçu.....	84
Figura 35 - Litografia do Joaquim Marcelino de Brito	85
Figura 36 - Litografia do Visconde de Cairu	85
Figura 37 - Litografia de Francisco de Paula Souza	86

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
1 HISTÓRIA E BIOGRAFIA TRILHAM JUNTAS A ESTRADA DA NAÇÃO	13
1.1 Carinhos e Ofensas entre História e Biografia	13
1.1.1 <u>Sobre aproximações e afastamentos</u>	13
1.1.2 <u>Quando o apoio vem do “lado de lá”: as contribuições de Annales e da Psicanálise</u>	15
1.1.3 <u>Sangue, suor e lágrimas sobem ao palco da história</u>	17
1.2 História e Biografia: Penas a Serviço da Nação	19
1.2.1 <u>O passado como caminho</u>	19
1.2.2 <u>O século da memória, o século da história</u>	21
1.2.3 <u>Retórica e a necessidade de convencer</u>	22
1.2.4 <u>O século da história e da nação</u>	23
1.2.5 <u>Na defesa de Vossa Majestade</u>	24
1.2.6 <u>Na Galeria de Sisson, a nação monárquica</u>	26
1.2.7 <u>Um estandarte, diversos porta-bandeiras</u>	28
1.2.8 <u>História e Biografia: caminhos inter cruzados na estrada da Nação</u>	29
2 NA GALERIA DE SISSON: OS BRASILEIROS ILUSTRES DO IMPÉRIO DO BRASIL	31
2.1 Uma Galeria Imperial	31
2.2 A imagem que vem das letras, a imagem que vem da pedra	32
2.3 Em destaque, o homem público	33
2.4 O passado presenciado, o presente enquanto perspectiva	41
2.5 Galeria de Estandartes	44
2.6 A Galeria presa na Teia de Penélope	47
2.7 Uma exaltação constitutiva	56
3 A GALERIA SENDO VISITADA	63
3.1 Biografando o biógrafo	63
3.2 Estrangeiros brasileiros	67
3.3 Galerias, patronos e visitantes	71
3.4 Varões em companhia de três damas	78
3.5 Biografias, biógrafos	80
CONCLUSÃO	88
REFERÊNCIAS.....	89

INTRODUÇÃO

“*Se um dia precisar da minha vida, vem e tome-a!*” (TCHEKHOV, 1896). Palavras professadas em uma das peças teatrais mais famosas do dramaturgo russo Anton Tchekhov, *A Gaivota*, representam os conflitos de seu personagem central, um jovem escritor que, por contingência de seu ofício, necessita da vida alheia, tomando-a e narrando-a segundo suas carências e expectativas.

Obra do seu tempo, *A Gaivota* talvez não apresente maiores semelhanças à também oitocentista *Galeria dos Brasileiros Ilustres* (SISSON, 1999), conjunto biográfico editado pelo francês Sebastião Augusto Sisson em terras brasileiras entre os anos de 1859 e 1861. No entanto, a necessidade da vida do outro e sua exposição segundo as perspectivas do narrador são aspectos igualmente presentes na produção da *Galeria* de Sisson.

Na *Galeria*, “a vida do outro” mostra-se através das oitenta e nove notícias biográficas que a compõem, pelo meio das quais noventa personagens vinculados às ambiências do Império do Brasil têm suas experiências narradas a partir de determinadas expectativas. Compelidos por Sisson em sua obra, tais horizontes parecem estar empenhados, em nossa compreensão, com a defesa de valores fundamentais à consolidação em terras brasileiras de uma então instaurada ordem monárquica de governo, bem como da centralização político-administrativa e da garantia da unidade territorial.

Entre os meios e materiais de configuração de registros de memória fundadores do ideário nacionalista do Império do Brasil, as biografias vieram também a ser, nas suas apropriações, espaços onde se materializam “narrativas da nação”. Pretende-se neste trabalho, então, investigar e caracterizar o lugar dos textos biográficos nessas estratégias discursivas, promovendo, em especial, uma discussão acerca do uso e significação dos conceitos¹ de herói, ordem monárquica e civilização, entre os esforços de letrados investidos da tarefa de elaborar os retratos daqueles personagens cujas vidas individuais vieram a ser tomadas como referenciais para a escrita de uma história da nação, em tempos de vigência do princípio monárquico de governo, e de busca pela implementação e manutenção do projeto centralizador e unitarista na consolidação do Estado e da nação.

¹ Tais conceitos são aqui entendidos e analisados a partir da chave elaborada por Reinhart Koselleck, que atribui ao contexto – seja o de gênese, seja o de posterior resignificação – papel central na elaboração e compreensão do conceito: “*Todo conceito articula-se a um certo contexto sobre o qual também pode atuar, tornando-o compreensível*”. KOSELLECK, Reinhart. *Uma História dos Conceitos: problemas teóricos e práticos. Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 134-146, 1992. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/1945>. Acesso em: 21 jun. 2009.

Do mesmo modo, far-se-á interessante, para além de necessário, comparar as diferentes formas de “panteonização” promovidas por esta galeria de grandes homens, buscando salientar os valores e feitos que atestaram a estes últimos o selo da exceção, livrando-os do olvido da posteridade e os moldando em celebridades exemplares, verdadeiros referenciais pedagógicos.

Sendo assim, o fio condutor deste trabalho é, em síntese, perceber a citada obra como manifestação do uso da biografia na qualidade de discurso fundador e difusor da memória e da identidade da nação brasileira. Tendo tal percepção como referência, no primeiro capítulo desta dissertação analisamos mais precisamente a relação entre os gêneros histórico e biográfico, abordando os repúdios e aproximações que lhes foram característicos no transcorrer do século XIX. Destarte, entender os possíveis usos do biográfico em tais ambiências, norteadas pela questão da formação nacional e pela disciplinarização da História, apresenta-se como uma das principais preocupações deste capítulo.

No segundo capítulo, abordamos mais especificamente as biografias presentes na *Galeria dos Brasileiros Ilustres*, entendendo-as como integradas e/ou utilizadas na defesa de um projeto político de Estado nas ambiências do Império do Brasil. Trata-se, neste sentido, de perceber a inserção dos gêneros histórico e biográfico em um determinado projeto nacional que, no Brasil de tempos imperiais, colocou-se na defesa de um regime de governo notadamente monárquico, unitarista e centralizador. Busca-se, deste modo, considerar tais biografias tendo por norte os conceitos de conservadorismo, moderação, monarquismo, nação e herói.

Neste capítulo, ainda encontra-se espaço para análises referentes à caracterização da citada coletânea biográfica enquanto um esforço comprometido com a edificação de uma memória política do Estado brasileiro. Nesta diligência, o discurso retórico assume um papel fundamental, cujo empenho se faz em uma dupla direção: a exposição memorialística de cursos de vidas de indivíduos cujas ações são passíveis de adequação a determinado projeto político, e a emulação magisterial através do convencimento de contemporâneos acerca do caráter pedagógico e exemplar de tais trajetórias.

Totalizando um universo de oitenta e nove biografias, a *Galeria de Sisson* é forjada tendo por objetivo primeiro apresentar à Nação brasileira biografias de homens que, senhores dos mais nobres valores e ações, deveriam servir como padrão para seus compatriotas. Assim norteados, o esforço literário e retórico de Sisson se faz a partir da tentativa de desvendar estes personagens exemplares em verdadeiros heróis, conceito que comporta em si determinado grau de pedagogia. Ao nosso ver, as lições a serem então colocadas ao aprendizado da

contemporaneidade estavam intimamente ligadas aos valores do governo monárquico de D. Pedro II. Quais os feitos de suas vidas que permitiram aos biografados tal destaque? Qual a relevância do fato de estarem entre os biografados vivos e mortos? Em que medida se relacionam a monumentalização dos biografados e a simbologia do Estado Nacional brasileiro? Reflexões desenvolvidas a partir de questionamentos desta natureza estão presentes neste segundo capítulo.

Finalmente, no terceiro capítulo examinamos a recepção da obra de Sebastião Augusto Sisson em seu espaço de produção, ou seja, o Brasil de fins da década de cinquenta e início dos anos sessenta do século XIX. Sabemos que certamente foram elevados os custos editoriais da *Galeria*, isto em um momento de precariedade do mercado editorial brasileiro. Há de se investigar, portanto, seus possíveis patrocinadores e interesses que perpassavam tal mecenato.

Deste modo, buscamos localizar o biógrafo Sisson como um litógrafo detentor de certa relevância na sociedade imperial brasileira, examinando, inclusive, suas possíveis ligações com o monarca D. Pedro II. Ao que nos parece, o francês certamente gozava de relevante prestígio em tais ambiências.

A partir de tal perspectiva, tentamos responder a questões como: houve alguma expectativa em relação à produção e lançamento da *Galeria*? Quando editada, alcançou alguma repercussão, e em quais grupos sociais? Os jornais da época noticiaram algo? Qual a relação entre sua produção e o Imperador D. Pedro II, posto os inúmeros e pomposos elogios feitos por Sisson ao monarca no prefácio da obra?

Em relação à autoria das biografias, a exclusividade de Sisson parece ser hipótese difícil de ser defendida, fato corroborado pelas diferenças existentes entre as mesmas. Assim, investigamos se as biografias presentes na obra são todas de autoria de Sisson, ou se seria ele apenas seu organizador. Conjeturando a partir desta segunda suposição, quais seriam, então, os outros biógrafos? Estas e outras questões são trabalhadas neste capítulo final.

Por fim, devemos apenas frisar que a questão a orientar a leitura e análise da citada obra diz respeito às condições e mecanismos intelectuais que presidiram a elaboração desse panteon de notáveis brasileiros, examinando como esses ilustres foram convertidos em “atores históricos” inscritos, portanto, no relato da construção de uma história e de uma memória nacional.

1 HISTÓRIA E BIOGRAFIA TRILHAM JUNTAS A ESTRADA DA NAÇÃO

1.1 Carinhos e Ofensas entre História e Biografia

1.1.1 Sobre aproximações e afastamentos

[A biografia histórica] é o melhor meio de mostrar as ligações entre passado e presente, memória e projeto, indivíduo e sociedade, e de experimentar o tempo como prova de vida. Seu método, como seu sucesso, devem-se à insinuação da singularidade nas ciências humanas que durante muito tempo não souberam o que fazer dela. (ROBIN, apud: LEVILLAIN, 2003)

Este pronunciamento de Régine Robin a favor da biografia histórica certamente encontra hoje menos resistências que em 1986, ano da citação. Naquele tempo, a relação entre os gêneros histórico e biográfico apenas começava a experimentar ares mais amenos e favoráveis, diferente daqueles que sopravam até então, contrários ao diálogo entre os estilos. Na verdade, desde pelo menos meados do século XIX, momento de disciplinarização da história, o contato entre esta e a biografia caracterizou-se por uma permanente dialética de repúdios e aceitações.

A partir do final dos anos setenta e o começo dos oitenta, a reboque das críticas feitas às interpretações marxistas, estruturalistas e cliométricas, assistiu-se a uma progressiva revalorização do papel do indivíduo e da subjetividade nas análises históricas. Nesse quadro, ampliou-se um debate datado dos antigos, e que chegou ao século XIX, período de edificação da história como disciplina, qual seja, o da relação entre esta e a biografia. Contrários a tal afinidade, representantes de regimes historiográficos de boa parte do século XX afirmavam que com esta aproximação, poder-se-ia desistir da ‘história-problema’ em retorno a uma história cronológica, de grandes homens e seus feitos fabulosos (LORIGA, 1998).

Entre os adeptos dos referenciais marxistas, e posteriormente com todas as correntes historiográficas surgidas no século XX opostas a uma história tida positivista, destacadamente *Annales*, a biografia passou a ocupar um lugar secundário nos “escritos sobre o passado”. Buscava-se, assim, a valorização de uma perspectiva historiográfica supostamente mais crítica e abrangente, em detrimento de uma “história de heróis” (ROJAS, 2000. p. 9-48).

Por outro lado, desde meados do século XIX, diversos intelectuais reservavam grande espaço de suas produções ao gênero biográfico. Como exemplo, temos os representantes do movimento romântico que, inclusive no Brasil, colocaram em primeiro plano o indivíduo e sua capacidade criativa, atribuindo-lhe o papel de protagonista em sua existência. O biográfico, neste cenário, ganha em importância:

Daí o relevo que a ‘espécie biográfica’ – como o disse Nietzsche – adquire no Romantismo. A história pessoal, as paixões e traços de personalidade do artista passam a responder pela natureza e caráter da criação de arte. (GUINSBURG, 2005. p. 262-263)

Assim, se por um lado podemos identificar o século XIX como o século da história, igualmente verificamos em tais temporalidades o grande interesse pela escrita biográfica, inclusive em sua face mais íntima, qual seja, a “escrita de si”, cuja origem nos remete, ao menos em sociedades ocidentais, à própria emergência da modernidade. Segundo Ângela de Castro Gomes:

[...] há um certo consenso na literatura que trata da escrita de si, pode-se datar a divulgação de sua prática, grosso modo, do século XVIII, quando indivíduos ‘comuns’ passaram a produzir, deliberadamente, uma memória de si (GOMES, 2004, p. 10-11).

Como afirma Renato Janine Ribeiro (1991), “[...] o desejo de perpetua-se, mas, mais que isso, o de construir a própria identidade pelos tempos adiante, responde ao anseio de forjar sua glória”. A esse anseio atendem a guarda de objetos, o registro de atos cotidianos em diários, da vida por si mesmo em autobiografias ou através de outros, através da biografia.

No século XX, novas iniciativas foram tomadas em direção ao enaltecimento da biografia, sinalizando inclusive os múltiplos ganhos que seriam ofertados à escrita da história com a aproximação entre os gêneros – não obstante suas evidentes e necessárias distinções. Historiadores como Carlo Ginzburg e Philippe Levillain mostravam-se convencidos de que através do diálogo entre os dois gêneros poderíamos assinalar a diversidade humana e, assim, enriquecer o fazer historiográfico. Em sua micro-história, Ginzburg se debruçou sobre a ação de “homens comuns”, como simples moleiros de pequenas aldeias européias, elevados, então, a autores da História:

No passado, podia-se acusar os historiadores de querer conhecer somente as “gestas dos reis”. Hoje, é claro, não é mais assim. Cada vez mais se interessam pelo que seus predecessores haviam ocultado, deixado de lado ou simplesmente ignorado. ‘Quem construiu Tebas das sete portas?’ – perguntava o ‘leitor operário’ de Brecht. (GINZBURG, 1987. p. 15)

A perspectiva de apreciação da micro-história, aliás, caminha no sentido de valorização do diálogo com a biografia na análise histórica ao não se restringir ao estudo da

comunidade ou do grupo, atingindo a própria vivência individual. Assim, “[...] a indagação microhistórica remete desse modo diretamente à biografia, e vice-versa” (LIMA FILHO, 1993). Nesse sentido, Giovanni Levi ainda acrescenta que “[...] a biografia é por isso mesmo o campo ideal para verificar o caráter intersticial [...] da liberdade de que dispõem os agentes e para observar como funcionam concretamente os sistemas normativos, que jamais estão isentos de contradições” (LEVI, 1996, p. 180).

No mesmo esforço do historiador italiano, Philippe Levillain, não obstante as críticas feitas a determinados usos do biográfico em tempos passados e atuais, argumenta que, em prol da diversidade humana, o gênero não deve ser abandonado:

A biografia histórica hoje reabilitada não tem como vocação esgotar o absoluto do “eu” de um personagem, como já o pretendeu e ainda hoje o pretende mais do que devia. E se a simbologia de seus fatos e gestos pode servir de representação da história coletiva através de um homem, tal como o retrato, ela não esgota a diversidade humana [...] (LEVILLAIN, 2003, p. 176).

Do ponto de vista metodológico, o historiador deve, então, assumir o risco de análises sobre o gênero, tomando os cuidados necessários, principalmente aqueles que distinguem a leitura do historiador da de um produtor mais “descuidado” de biografias. Como bem define Benito Schimdt:

Já no campo da história, apesar da aproximação com a literatura também ser marcante, a margem para a invenção é menos dilatada. Afinal os historiadores, por dever de ofício, têm um compromisso muito mais cabal com sujeitos históricos concretos, que existiram na realidade e que chegam até o presente através de documentos. Ou seja, os trabalhos produzidos nesta área, para além de suas qualidades estilísticas, devem prestar contas ao ‘tribunal de apelação da história’: o passado e seus vestígios (SCHMIDT, 1997)

1.1.2 Quando o apoio vem do “lado de lá”: as contribuições de *Annales* e da Psicanálise

Mesmo movimentos historiográficos que anteriormente direcionavam boa parte de suas críticas à “ditadura do indivíduo” na análise histórica, mais recentemente têm voltado suas atenções não mais à negação da importância do sujeito, mas sim à exclusividade atribuída aos “grandes homens”. Neste sentido, Fernand Braudel, um dos maiores representantes de *Annales*, apesar das contribuições ofertadas com a “longa duração”, não repudia o individual, mas apenas o domínio deste por atores figurados em verdadeiros “semi-deuses” completamente destacados de uma “realidade mais complexa”:

O problema não consiste em negar o individual a pretexto de que foi afetado pela contingência, mas em ultrapassá-lo, em distingui-lo das forças diferentes dele, em reagir contra uma história arbitrariamente reduzida ao papel dos heróis quinta-

essenciados: não cremos no culto de todos esses semi-deuses [...] (BRAUDEL, 1978, p. 23).

Sucessor de Fernand Braudel à frente de *Annales*, o francês Jacques Le Goff é um dos historiadores contemporâneos de maior destaque no cenário historiográfico. Através de intensos diálogos com a antropologia, insere suas produções na perspectiva multidisciplinar de *Annales*. No entanto, os trabalhos de Le Goff igualmente trazem novidades em relação a determinadas diretrizes que subsidiaram, ao longo de boa parte do século XX, os pesquisadores vinculados à citada Escola francesa.

Em seu “São Luís”, por exemplo, Le Goff (1999) aproxima-se daquela que durante muito tempo foi alvo dos mais intensos ataques de *Annales*: justamente a biografia histórica. Entendido como uma perspectiva histórica caracterizada por uma inocente linearidade e equivocada factualidade, o gênero biográfico conheceu, então, um desprestígio que só veio a aumentar a partir das críticas desferidas por outras correntes de pensamento.

Compreender a trajetória de vidas individuais, encontrando em seu contexto possibilidades de atuação, não implica necessariamente em aprisioná-las neste cenário. Ao contrário, deve-se inclusive salientar os desejos e atitudes que lhe são incoerentes.

Não tentei esconder as contradições que pesaram sobre a personagem e a vida de Luís: entre seus pendores para a carne e boa mesa e seus ideais de sublimação da sexualidade e da gula, entre a piedade ‘hílar’ dos mendicantes e a prática ascética rigorosa da tradição monástica, entre o fausto do dever real e a humildade de um soberano que quis se comportar senão como o mais humilde dos leigos [...] (LE GOFF, 1999, p. 18)

A investigação biográfica ainda se presta, como o diz Le Goff, à percepção das diversas temporalidades históricas. No caso específico do rei-santo Luís IX e de seu século XIII, as variadas conjunturas características de tais ambiências, caracterizadas por acontecimentos como o fim da servidão camponesa, o triunfo da escolástica e a formação do Estado feudal moderno, ditam ritmos distintos à passagem e medição do tempo: “O ritmo destes grandes acontecimentos cortou diversamente a juventude, a maturidade e a velhice do rei [...] Às vezes parece acelerar a história, às vezes freá-la” (LE GOFF, 1999, p. 22).

Ao contrário de tendências anteriores, como em *Annales*, quando o diálogo mantido pelos historiadores com outros campos do saber parece ter desvalorizado o indivíduo como protagonista de Clio, a aceitação recente por parte destes profissionais de certas ferramentas interdisciplinares, como aquelas advindas da Psicanálise, tem contribuído para a revalorização do papel do sujeito na análise dos feitos humanos. No caso específico das contribuições de Freud, o inconsciente surge como uma instância que não apenas eleva a importância do indivíduo, mas como também quebra uma pretensa previsibilidade lógica de suas ações. O

distúrbio psíquico oferta um sujeito inesperado, autor de ações inesperadas, não explicáveis pelo contexto que, ao contrário, é por ele desvirtuado. O espaço ocupado pelo gênero biográfico, então, claramente se amplia.

Peter Gay, um dos maiores defensores das contribuições de Freud para o saber historiográfico, eleva a primeiro plano as interferências tidas como puramente individuais no campo da política, entendido por tantos como um *locus* dominado pelos interesses coletivos.

Negligenciar a política para concentrar-se na ansiedade [individual] é reduzir indevidamente a história a um mero psicodrama; negligenciar a ansiedade para concentrar-se na política – que, de longe, é o que mais ocorre entre os historiadores – é empobrecer indevidamente a percepção que se pode ter do passado. (GAY, 1989. p. 129)

A partir de tais contribuições, a produção historiográfica lança cada vez mais suas atenções em direção das atuações individuais que, entendidas duplamente como gênese e fruto das relações sociais, possibilitam sua compreensão, não necessariamente por corresponderem às suas lógicas, mas também ao contrariá-las.

1.1.3 Sangue, suor e lágrimas sobem ao palco da história

Em um momento de relativização do predomínio das generalizações no fazer historiográfico, a revalorização da biografia se coloca então como uma possibilidade de trazer ao palco da história a contingência do sujeito, a imprevisibilidade individual, enfim, a criatividade humana, quebrando-se a pretensa lógica de uma análise histórica que se quer “total”. Sobre a questão, Michel de Certeau pronuncia-se de modo a destacar o caráter “esclarecedor” da biografia:

A própria biografia assume o papel de uma distância e de uma margem proporcionadas às construções globais. A pesquisa se dá objetos que têm a forma de sua prática: eles lhe fornecem o meio de fazer aparecer diferenças relativas às continuidades ou às unidades das quais parte a análise (CERTEAU, 2002. p. 87).

Além disso, a biografia enaltece o indivíduo como um agente ativo, protagonista de suas ações, que, se realizadas a partir de uma gama de opções proporcionadas pelo meio e suas relações com o sujeito, têm igualmente como procedência a ingerência de seus autores e respectivas escolhas.

[...] a biografia ou o relato do acontecimento desempenham, ao que me parece, o papel de uma experiência limite: já que os modelos narrativos-analíticos clássicos deixaram de ser convincentes, que é preciso fazer – que se pode fazer – para contar uma vida, uma batalha, um episódio qualquer? [...] Uma experiência biográfica pode assim ser relida como um conjunto de tentativas, de escolhas, de tomadas de posição diante da incerteza. Ela não é mais pensável apenas sob a forma da necessidade -

esta vida existiu e a morte a transformou em destino - mas como um campo de possibilidades entre as quais o ator histórico teve de escolher. (REVEL, 1998)

Sobre o debate acerca da relação entre indivíduo e sociedade na produção do gênero biográfico, Carlos Antonio Aguirre Rojas propõe o rompimento com a antítese existente entre uma perspectiva que ao dar ao sujeito a centralidade de sua existência, torna o contexto um elemento secundário, e outra simetricamente antagônica, que entende o homem e suas ações como frutos do contexto no qual estão inseridos. O autor mexicano indica, então, a correlação orgânica e de pertencimento entre indivíduo e contexto: “[...] *o indivíduo é tão gerador e criador de sua própria ação e obra histórica, como a ação e obra histórica são também geradoras e produtoras do mesmo indivíduo*” (ROJAS, 2000, p. 32).²

No mesmo caminho, Giovanni Levi, a partir da constatação dos limites da “liberdade de escolha”, sugere novas perspectivas para pensarmos a atuação de indivíduos na sociedade. Por exemplo, se nenhuma liberdade individual é absoluta, assim como nenhum sistema normativo é de fato satisfatoriamente estruturado para abolir toda a possibilidade de escolha consciente,

[...] a biografia surge, então, como o lugar ideal para se verificar o caráter intersticial da liberdade de que as pessoas dispõem, assim como para se observar a maneira como funcionam concretamente os sistemas normativos, “que nunca estão isentos de contradições. (REVEL, 1998)

Compreender a trajetória de vidas individuais, encontrando em seu contexto possibilidades de atuação, não implica necessariamente em aprisioná-las neste cenário (LORIGA, 1998, p. 246-247)³. Como nos diz Sabrina Loriga, devemos “[...] *conceber o singular como um elemento de tensão: o indivíduo não tem como missão revelar a essência da humanidade; ao contrário, ele deve permanecer particular e fragmentado*” (LORIGA, 1998, p. 248).

Portanto, a dimensão dessas vidas implica necessariamente em entender que “[...] *a vida não se reduz aos papéis sociais que são desempenhados no dia-a-dia. Cada indivíduo é bem mais que isso: parte de uma vida mais longa, é um elo na cadeia de uma história que o contém e lhe dá transcendência [...]*” (BARROS, 1989, p. 41).

Deste modo, amplia-se cada vez mais o espaço de compreensão da biografia como um gênero que analisa a figuração do sujeito individual em sua correlação com o meio, constituindo uma espécie de dialética não de opostos, mas sim através do diálogo entre dois

² “[...] *el individuo es tan generador y creador de su propia acción y obra histórica, como la acción y obra histórica son también generadoras y productoras del mismo individuo*”.

³ “[...] *utilizar o eu para romper o excesso de coerência do discurso histórico, ou seja, para se interrogar não apenas sobre o que foi, sobre o que aconteceu, mas também sobre as incertezas do passado e as possibilidades perdidas*”.

elementos coexistentes: o indivíduo e a sociedade (GOMES, 2004, p. 12)⁴. Por exemplo, na *Galeria dos Brasileiros Ilustres* (SISSON, 1999), se os biografados são enaltecidos por suas ações individuais, é igualmente verdade que tais feitos somente ganham relevância tanto por sua importância social, quanto pela possibilidade de servirem como exemplo para a comunidade nacional.

Pensamos, assim, que a pesquisa biográfica é o espaço por excelência da compreensão dos limites da liberdade do sujeito individual, das ambigüidades das regras sociais, e, principalmente, “[...] a biografia oferece, melhor que outros gêneros históricos, a possibilidade de explorar os recursos da escritura histórica” (LE GOFF, 1989, tradução nossa).

1.2 História e Biografia: Penas a Serviço da Nação

1.2.1 O passado como caminho

A nossa historia abunda de modelos de virtudes; mas um grande numero de feitos gloriosos morrem ou dormem na obscuridade, sem proveito das gerações subseqüentes. O Brazil, senhores, [...] pode comtudo apresentar pela historia, ao estudo e emulação de seus filhos, uma longa serie de varões distintos por seu saber e brilhantes qualidades. Só tem faltado quem os apresentasse em bem ordenada galeria, collocando-os segundo os tempos e logares, para que sejam melhor percebidos pelos que anhelam seguir os seus passos nos caminhos da honra e da gloria nacional (BARBOSA, 1839).

O discurso do cônego Januário da Cunha Barbosa (1780-1846), pronunciado no ato inaugural do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro em 1838, representou uma das primeiras tentativas de demarcação das diretrizes teórico-epistemológicas para a elaboração de uma História do Brasil (CEZAR, 2004). É importante lembrar que, naquele momento, tanto a história como disciplina científica, quanto à idéia de nação, encontravam-se em

⁴ “[...] os tempos modernos são de consagração do lugar do indivíduo na sociedade”. (GOMES, 2004, p. 12). Sobre a noção de “indivíduo social”, ver ELIAS, Norbert. *A Sociedade dos Indivíduos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

processo de construção.⁵ Deste modo, o texto do primeiro secretário assumiria, então, um caráter paradigmático precisamente por estabelecer os balizamentos gerais para o trabalho daqueles que, doravante, pretendessem estudar e escrever sobre as terras e gentes do Império do Brasil.

Neste período, atribuir à história a função de explicar o presente e esclarecer o futuro da pátria, e ver no conhecimento do passado a faculdade de instruir e de fornecer lições a seus cidadãos, caracterizaram, como argumenta José Honório Rodrigues, a concepção predominante acerca dos modos pelos quais se deveria escrever a história nacional (RODRIGUES, 1953). Na construção dessa narrativa, caberia ainda ao historiador atender a um duplo propósito: “*premiar o merito dos bemfeitores do genero humano*” e estimular o ato de mirar-se nos protagonistas apresentados como patriotas exemplares (ARARIPE, 1894).

No IHGB, o *topos da historia magistra vitae* perduraria, ao longo do século XIX, como princípio de justificação e de orientação da investigação histórica (CEZAR, 2003, p. 14). O caráter pedagógico da história fornecedora de exemplos a serem imitados acompanhava o regime de historicidade no qual o acento referencial no passado constituía-se em razão explicativa do presente e perspectiva orientadora para o futuro.

A nova historiografia, a ser forjada dentro do IHGB, esteve associada à proposta de eternizar os fatos memoráveis da pátria, bem como *salvá-los* do esquecimento, operações indissociáveis da fórmula que atribuía à história as funções de *testemunha dos tempos, luz da verdade e escola da vida* (BARBOSA, 1839, p. 9). Em todo o discurso do primeiro secretário Cunha Barbosa, a vocação pedagógica do conhecimento do passado aparece como o argumento que confere legitimidade e força persuasiva às suas proposições acerca da escrita da nossa história, entre elas, a da produção de biografias.

A biografia inscrevia-se, em suma, no programa da *historia magistra vitae* portadora de *exempla*. Destarte, deveria, antes de tudo, formar e instruir a vida dos brasileiros no presente. Nessas ambiências, os estudos biográficos apresentavam-se como forma de escrita da história que melhor poderia cumprir a função magisterial reivindicada por alguns letrados naquele período. Como antecipava José Bonifácio em seus famosos escritos sobre o Brasil, “os fins de qualquer escritor são, ou meramente para ensinar e instruir, ou só para dar gosto e deleite, ou para ambas estas coisas ao mesmo tempo, o que é o melhor” (SILVA, 2000. p. 153).

⁵ Sobre a criação do IHGB e a gestação do projeto de uma história nacional ver GUIMARÃES, Manoel Luiz Salgado. Nação e Civilização nos Trópicos: o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e o projeto de uma História Nacional. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 1, n.1, p. 5-27, 1988; ou ainda GUIMARÃES, Lúcia Maria Paschoal. Debaixo da imediata proteção de Sua Majestade Imperial: o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (1838-1889). *Revista do IHGB*, Rio de Janeiro, v. 156, n. 388, p. 187-138, jul./set. 1995.

A biografia histórica poderia também contribuir para a circunscrição de uma ordem de tempo específica, o *tempo da nação*, integrando-se, assim, à elaboração de uma *retórica da nacionalidade*⁶. Na base da elaboração desse discurso, a idéia de *tempo da nação* remete à concepção formulada por Ilmar Mattos de um “tempo saquarema” que, para além de uma delimitação cronológica estrita (entre os últimos anos do período regencial e o “renascer liberal” da década de 1860), expressa uma lógica de ordenação do passado nacional comprometida com a construção do Estado imperial e com a manutenção da sociedade senhorial. Para aqueles que se apresentavam como “construtores” do Império, o tempo era pensado e concebido, enfim, como um agente organizador,

[...] de um lado, unindo o passado ao presente; de outro, possibilitando a passagem de um momento anterior, sempre compreendido como desorganizado e bárbaro, não obstante os aspectos positivos que o passado colonial encerrava, a um outro momento, entendido como superior, porque lugar da Ordem e da Civilização (MATTOS, 2004).

1.2.2 O século da memória, o século da história

Seja por sua inefabilidade ou por sua recorrente imprevisibilidade, a morte apresenta-se às sociedades humanas ocidentais como um evento extremamente inconveniente e frequentemente angustiante. Romper com o limite do fim que lhe é inerente tem sido grande preocupação dos homens, e não são raros os esforços no sentido de ultrapassá-lo. Inúmeros são os rituais que correspondem a este intento, todos atrelados, de um modo ou de outro, à produção de uma memória póstuma.

Em tempos de século XIX, adjetivado por Pierre Nora como o “século da memória” (NORA, 1984), a preocupação com a transposição dos perímetros impostos pela extinção de si e do outro faz-se igualmente presente nas produções de memória, assim como na prática historiográfica. Caberia ao historiador, portanto, recordar e transcender o fim da existência humana.

No entanto, para além da recordação em si, a vitória frente à morte admitiria ainda um segundo e correlacionado exercício, o da seleção. A escrita da História seria, então, confeccionada a partir de um meticuloso processo de reminiscência seletiva do passado. O historiador, assolado por uma amnésia revivificadora, a cada lembrança comportaria tantos esquecimentos.

⁶ Na formatação nacional, colocam-se ao seu favor esforços intelectuais que buscavam convencer acerca da excelência do passado escolhido, diretamente vinculado a um presente louvável e a um futuro esperançoso.

Nesta triagem, a recordação possibilitada pelo historiador apresenta o tempo presente como filtro, balizando as possibilidades ofertadas pelo passado. Nas palavras de Fernando Catroga:

[...] a recordação e a historiografia constroem re-presentificações que interrogam os indícios e traços que ficaram do passado. [...] E, como esta leitura é feita a partir do presente, recordar e historiar têm a sua outra face em projeções que fazem do passado um mundo de possibilidades (CATROGA, 2001. p. 45).

Na tentativa de dar credibilidade ao passado recordado, duas práticas ofertavam então importantes subsídios nesta “sociedade-memória” oitocentista. A primeira delas, o ato de *comemorar*, que aparecia então como estratégia de revitalização festiva de um passado que, dotado de forte caráter magisterial, oferecia moldes à posteridade.

[...] o comemoracionismo, tal como a historiografia dominante, também se baseava numa análoga idéia evolutiva e continuísta de tempo, na qual o melhor do passado era decantado para ser sugerido como futuro do presente. Portanto, as comemorações e a escrita historicista da história são práticas de re-presentação, ou melhor, de esquecimento da morte e do devir, e põem em cena uma previsão ao contrário que procura confirmar, no passado, a direção do porvir (CATROGA, 2001. p. 61).

Para além destes *investimentos comemorativos*, a recordação eleita deveria ser validada no presente como a mais correta das possibilidades, ratificando suas atribuições pedagógicas. Para tanto, uma segunda prática apresentava-se fundamental: o exercício da retórica.

1.2.3 Retórica e a necessidade de convencer

Vinculada originalmente aos discursos públicos orais, desde seu estabelecimento na civilização da Grécia antiga, a retórica atingiu ao longo dos tempos tantos outros espaços, permeando as mais diversas oralidades e expressões escritas. Adquiriu igualmente variados usos, dentre os quais ganha destaque a sua relação com a memória e com uma determinada tradição pedagógica.

Para além do dizer e do como dizer, à retórica cabe convencer a legitimidade do discurso confiado à memória. Por via da pronúncia, tornar-se-ia crível o passado narrado. Evidencia-se, deste modo, o caráter emulador da constituição de uma memória histórica, cujos parâmetros deveriam ser validados por via da retórica.

Nos *oitocentos*, a lembrança de determinado passado mostrava-se comumente comprometida com a construção de uma memória histórica nacional. Para tanto, as preferências acerca do pretérito estavam vinculadas a determinadas práticas e valores

condizentes com a Nação que se buscava edificar – no caso brasileiro, frequentemente harmonizados com a consolidação de uma ordem imperial.

Nesta arquitetura, a retórica apresentava, então, fundamental importância ao seu sucesso. Concorrendo ao crescente romantismo, colocava-se em semelhança ao empenhar-se na construção nacional, mostrando-se atuante nos mais diversos espaços de circulação de idéias e debates políticos.

Durante o século XIX, ao longo de um período que coincide quase completamente com o ciclo do Império, há no Brasil um grande interesse pela retórica e por uma área então concebida como sua extensão – a poética. A posição de relevo dessas disciplinas traduziu-se por diversas publicações a elas dedicadas e por sua inserção nos currículos escolares, atestando-se ainda na influência que exerceram sobre a produção literária e até sobre condutas sociais [no Brasil oitocentista, como, por exemplo, o gosto pela oratória e pelo nacional] (SOUZA, 1999)

Em um jogo de lembranças e esquecimentos, de apresentações e representações de um determinado passado, caberia, pois, à retórica atribuir a esta escolha, subjetiva e possível, um caráter objetivo, fatal e positivo. Em particular à historiografia oitocentista, tratava-se de apresentar o passado nacional como gênese de um tempo presente e futuro triunfantes.

1.2.4 O século da história e da nação

No século XIX, o fazer historiográfico passou por uma série de mudanças que abrangeram seus elementos constitutivos, em um processo que, atingindo diversas outras áreas do conhecimento, atribuiu à História “foros de cientificidade”, tornando-se definitivamente, então, um saber disciplinar (GUIMARÃES, 1988, p. 5).

Concomitantemente à disciplinarização da história, o século XIX também se mostrou como arena da “Nação”. Pensar a formação e os assuntos nacionais apresentava-se, neste momento, como uma questão extremamente cara aos mais diversos grupos sociais, ultrapassando a esfera política, supostamente locus maior para debates desta natureza.

Em sua última obra “Uma Temporada no Inferno” (1873), o jovem poeta francês Arthur Rimbaud percorre um caminho rumo ao conhecimento de suas próprias origens. Estrada esta que, através de sua intensa poesia, desenha-se angustiante e punitiva, com contornos de *via crucis*. Em um de seus momentos de maior sinceridade e autoflagelação, Rimbaud nos coloca o peso tido pela questão nacional em tais temporalidades: “Por ora, sou maldito, tenho horror da pátria. O melhor é um sono bem bêbado na praia” (RIMBAUD, 2007, p. 27). Sua condenação dar-se precisamente por sua aversão ao vernáculo.

Exemplo francês, mas nem de longe exclusividade. Em terras brasileiras, pensar a formação e os assuntos nacionais apresentava-se, neste momento, como uma questão extremamente cara aos mais diversos grupos sociais. Não foram poucos aqueles que se colocaram, então, na linha de frente da exaltação nacional.

A História, agora “disciplina”, entre tantos usos, veio a ser justamente uma possível via de legitimação do nacional. Podemos perceber claramente esta dimensão no processo de formação dos Estados Nacionais europeus, assim como no caso brasileiro. Neste último, a formação da Nação se mostra não só concomitante à prevalência do regime imperial, mas inclusive os dois eventos constituem uma correlação que ao seu tempo – ao menos era isto que os monarquistas buscavam legitimar – parecia ser indissociável. Neste contexto, então, o discurso histórico se faz sob a luz da validação da jovem nação imperial brasileira.

É nesta totalidade que compreendemos, por exemplo, a criação no ano de 1838 do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, cujo norte inicial era construir o pretérito de uma Nação titubeante com um perfil que ainda estava por se constituir.

É, portanto, à tarefa de pensar o Brasil segundo os postulados próprios de uma história comprometida com o desvendamento do processo de gênese da Nação que se entregam os letrados reunidos em torno do IHGB (GUIMARÃES, 1988, p. 6).

1.2.5 Na defesa de Vossa Majestade

Desde o processo de independência, o desenvolvimento em terras brasileiras de uma nação monárquica que, não obstante todas as divergências e conflitos de interesses que marcavam o cenário político do país, construiu a unidade territorial e o centralismo político-administrativo, caracterizou-se como um projeto extremamente caro, complexo e, cabe ainda frisar, eleito por determinados grupos entre tantas outras alternativas existentes. Em estudo sobre a formação da elite imperial brasileira, José Murilo de Carvalho apresenta como uma de suas principais proposições:

[...] a idéia de que a decisão de fazer a independência com a monarquia representativa, de manter unida à ex-colônia, de evitar o predomínio militar, de centralizar as rendas públicas, etc., foram opções políticas entre outras possíveis na época (CARVALHO, 1980, p. 20).

Deste modo, se por um lado podemos inculcar na caracterização deste momento o destaque para uma determinada cultura política marcada pela valorização do ideal monárquico e pela busca da consolidação da unidade territorial, por outro não devemos esquecer que tais escolhas mostravam-se preponderantes, mas não exclusivas.

Percebida em suas variadas realidades, o conceito de cultura política atinge tamanha abrangência a ponto de impossibilitar maiores uniformizações acerca de seus significados e usos. Deste modo, Serge Berstein pluraliza a categoria, trabalhando com a noção de “culturas políticas”. Mesmo no interior de uma comunidade nacional, com todas semelhanças de valores e práticas compartilhados, são latentes divergências existentes entre, por exemplo, a “cultura de elite” e a “cultura de massas”. Assim, poderíamos falar, no máximo, em uma “cultura dominante”, mas em hipótese alguma “única”, dada a existência de tantas outras que lhe são coexistentes.

Se, num dado momento da história, essa área dos valores partilhados se mostra bastante ampla, temos então uma cultura política dominante que faz inflectir pouco ou muito a maior parte das outras culturas contemporâneas. [...] No entanto, ao lado desta, existem outras culturas políticas, cujas referências e visões de futuro não são de forma alguma comuns (BERSTEIN, 1998, p. 354)

O autor francês observa ainda que as culturas políticas, longe de permanecerem imóveis, evoluem e se transformam à luz das relações com outras culturas políticas. Entendamos aqui “evolução” não em sua acepção necessariamente progressiva, mas mutável, dinâmica. Neste sentido, tais modificações correspondem às demandas vinculadas às crises e percalços enfrentados por uma sociedade, assim como aos contatos estabelecidos por ela com culturas políticas vizinhas.

A cultura política assim elaborada e difundida, à escala das gerações, não é de forma alguma um fenômeno imóvel. É um corpo vivo que continua a evoluir, que se alimenta, se enriquece com múltiplas contribuições, as das outras culturas políticas quando elas parecem trazer boas respostas aos problemas do momento, os da evolução da conjuntura que inflecte as idéias e os temas, não podendo nenhuma cultura política sobreviver a prazo a uma contradição demasiado forte com as realidades (BERSTEIN, 1998, p. 357).

Justamente em oposição a quaisquer tentativas de tornar supremo outro determinado projeto político oposto aos valores monárquicos e unitaristas, diversos letrados, através de suas “penas”, colocaram-se na linha de defesa destes últimos. Diante de tal complexidade do quadro brasileiro, a biografia, assim como a história, veio a ser utilizada como uma possível via de construção do nacional. Como exemplo destes esforços, tomamos o *Plutarco Brasileiro* (SILVA, 1847; SILVA, 1856/1868), que, iniciativa de um dos mais importantes sócios do IHGB⁷, João Manuel Pereira da Silva, é lançado no ano de 1847, sendo revisto e ampliado em 1856 sob o título *Os varões illustres, durante os tempos coloniaes*, e novamente em 1868, mantendo-se o título. Na primeira edição, a referência ao autor grego estava intimamente

⁷ Devemos aqui lembrar que, entre 1839 e 1889, o próprio IHGB, através de sua famosa Revista, na seção “Biographia dos brasileiros distintos pelas letras, armas e virtudes”, publicou diversas notícias biográficas. Através destas, erigiu-se uma galeria de varões distintos, os quais alguns eram apresentados como dignos de serem lembrados e, principalmente, atribuídos de certo grau de pedagogia.

ligada ao esforço do historiador brasileiro em narrar as ações de nossos grandes varões, oferecendo-os à veneração dos seus contemporâneos e da posteridade.

Mesmo que determinado evento da vida destes “grandes homens” pudesse vir a ter posteriormente – ou mais precisamente no momento da produção biográfica – uma determinada leitura entendida como adversa aos anseios do biógrafo, o gênero biográfico, com sua capacidade de rerepresentar o passado, possibilitaria a remodelação de tais ações. Em outras palavras, o *espaço de experiência* do biografado era narrado e, logo, constituído, a partir do *horizonte de expectativa* do biógrafo, detentor da pena e, assim, da vida de seus homenageados.⁸

1.2.6 Na Galeria de Sisson, a nação monárquica

Passados os primeiros anos do governo de D. Pedro II, acontecimentos como o fim de rebeliões das mais diversas naturezas – demarcado pela contenção da Revolução Praieira, em 1848 – a implementação e difusão do projeto e ideais saquaremas – destacadamente a valorização do princípio monárquico e a preocupação com a manutenção da unidade territorial – e o “Ministério da Conciliação” parecem dar ao Império do Brasil alicerces capazes de afugentar, ao menos inicialmente, maiores críticas e contestações de adeptos de outros projetos de nação.

Neste cenário, no qual ganhava vigor o esforço pela defesa imperial, a *direção saquarema* foi construída a partir da ação de homens que, críticos do princípio democrático, viam no princípio monárquico, no centralismo político, na garantia da unidade territorial e na distinção dos *mundos* que compunham o Império do Brasil – o do governo, o do trabalho e o da desordem – exigências máximas à garantia e ao desenvolvimento de determinada concepção de *ordem e civilização*, a saber:

Manter uma Ordem significava garantir a continuidade das relações entre senhores e escravos, [...] do monopólio da terra pela minoria privilegiada, [...] significava [também preservar] o monopólio da responsabilidade pelo Soberano, [...] a integridade territorial [...]. Significava, no fundo [...] reproduzir os ‘três mundos’ do Império do Brasil, a hierarquia entre eles [...] Difundir a civilização era, por seu turno, assegurar o primado da Razão, o triunfo do Progresso, a difusão do espírito de Associação, a formação do Povo (MATTOS, 2004, p. 282).

No entanto, a solidez imposta por esta *direção* não impediu que homens, defensores obstinados da Nação monárquica brasileira, continuassem a exaltar sua pátria e a discutir os

⁸ Sobre os conceitos de “espaço de experiência” e “horizonte de expectativa” ver KOSELLECK, 2006.

rumos por esta tomados. Ao contrário, permaneciam na pauta do dia empenhos da estirpe do já citado trabalho do francês Sébastien Auguste Sisson *Galeria dos Brasileiros Ilustres* que, editada entre os anos de 1859 e 1861 e composta um total de oitenta e nove biografias⁹, tinha por objetivo maior apresentar à Nação brasileira biografias de homens que, senhores dos mais nobres valores e ações, deveriam ser tomados como padrão por seus compatriotas. Nas palavras do próprio autor, sua obra buscava “[...] ver perpetuadas a memória de seus heróis e varões beneméritos, por meio de uma justa satisfação aos leitores contemporâneos, na forma de um tesouro precioso reservado para a posteridade” (SISSON, 1999, p. 13).

Assim norteado, o esforço literário de Sisson se faz a partir da tentativa de moldar estes personagens exemplares em verdadeiros *heróis* nacionais, conceito que comportava em si certo grau de pedagogia: estes indivíduos, tanto por seus “bons feitos” – perfeitamente adequados a determinados valores e códigos sociais – quanto, e ao que nos parece, principalmente por compartilharem da ordem monárquica nacional então vigente, traziam consigo o estandarte da exemplaridade, devendo ser tomados, por isso, como parâmetros a serem abraçados por seus contemporâneos e pela posteridade.

Das biografias de Sisson emergem modelos de ação virtuosa, tipificadora do ato heróico em diversas dimensões. Todas, em alguma medida, ao cruzar trajetórias individuais com as experiências políticas da coletividade nomeada como pátria ou nação brasileira, funcionaram como registro de práticas e valores reificadores do caráter unitarista e centralizador do regime monárquico então instaurado. Somente nesse termos, a *Galeria de Sisson* pode ser interpretada como manifestação do uso da biografia na qualidade de discurso fundador e difusor da memória e da identidade da nação brasileira, nos quadros de vigência do projeto político conservador saquarema, na direção do Estado¹⁰.

Deste modo, ao biografar “homens ilustres” do século XIX do Brasil, Sebastião Augusto Sisson forjou suas memórias e colocou-as como patrimônios da nação brasileira. Suas vidas eram verdadeiros exemplos comportamentais para a sociedade deste país que buscava se fazer civilizado e moderno:

Foi e é nossa idéia bosquejar somente, sob o ponto de vista histórico, a vida e o caráter dos homens que se têm ilustrado no belo Império americano; desenhar as principais figuras, que têm deixado vestígios de sua passagem neste país e em sua cena política desde a Independência até os nossos dias; em uma palavra, apresentar

⁹ Em anexo a este capítulo, expusemos os nomes dos oitenta e nove biografados presentes na *Galeria dos Brasileiros Ilustres*, seguindo a ordem proposta por Sebastião Augusto Sisson.

¹⁰ Nesses termos, chama a atenção do leitor a extensa lista de biografados pertencentes ao Partido Conservador, constando, inclusive, a tríade formada por Eusébio de Queirós, o Visconde do Uruguai e o Visconde de Itaboraí, os três nomes da Trindade Saquarema.

os quadros e a história do Brasil neste período, expondo, a par dos retratos, os feitos dos seus varões que mais se têm distinguido (SISSON, 1999, p. 15).

Assim sendo, a Galeria de Sisson é repleta de “*homens ilustres*” que, cada qual em suas funções e ações, apresentavam-se enquanto figuras de destaque dentro da sociedade imperial brasileira. Nessas narrativas, mais do que a preocupação em apresentar trajetórias de vida, houve uma ênfase em enaltecer o que tais personagens realizaram ou estavam por realizar em prol da construção do Estado e da Nação monárquicas.

1.2.7 Um estandarte, diversos porta-bandeiras

A aceitação do ideal monárquico, aliás, parece ter sido bandeira não apenas dos biografados de Sebastião Augusto Sisson, e, por conseqüência, de sua galeria, mas igualmente de parte de grupos políticos contemporâneos às duas primeiras décadas do reinado de D. Pedro II, não obstante o conturbado e ainda recente passado das regências, ou ainda experiências de tendências republicanas, como a Revolução Praieira (1848). Os chamados “primeiros românticos” – também conhecidos como “geração vacilante” – por exemplo, a despeito da pluralidade dos cenários políticos com os quais conviveram, embora deixassem transparecer um “*certo liberalismo de origem regencial*”, não hesitavam em apresentar um “respeitoso acatamento ao Monarca [...] indivíduos d’*época de liquidação do passado e de rumos novos para o futuro [...]*” (CÂNDIDO, 2000, p. 47).

O apoio dado ao monarca por estes letrados em parte se explica pela vinculação de muitos deles ao Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, assim como pela acomodação dos mesmos em cargos e funções públicos. Antônio Cândido nos lembra que estes homens, para além de entenderem a “monarquia como fruto de livre escolha do povo”, se apresentavam normalmente dispostos a “acatar e reverenciar o Monarca”, ao qual, inclusive, muitos deles “dedicavam os seus livros” (CÂNDIDO, 2000, p. 50).

Vejamos o caso de Tôrres-Homem, um dos românticos de grande expressão política. Ao escrever *O Libelo do Povo*, o diretor da *Minerva Braziliense*, através do pseudônimo de Timandro, posicionava-se contrariamente ao governo e sua ação excessivamente centralizadora, tomando os acontecimentos internacionais de 1848 como ameaçadores ao governo do jovem D. Pedro II: “É já tempo que a única realeza que na América existe, abandone suas tradições góticas [...] e se a Providência não inspirar o Imperador, também no Brasil a monarquia corre à sua perda infalível” (TORRES-HOMEM, 1965. p. 79).

Entretanto, após os esforços “agregadores” do Marquês do Paraná, o arauto de Magalhães prontamente se colocou na base de governo do imperador, “acomodando-se na senatoria, nos ministérios, nas comendas e no título de visconde de Inhomirim” (CÂNDIDO, 2005, p. 54). Por conveniência ou por ideologia, o regime monárquico possuía inúmeros defensores, ou ao menos críticos passíveis de mudança ao oferecimento de um cômodo cargo público.

Na verdade, mesmo os românticos mais radicais o eram frente ao poder absoluto (GUINSBURG; ROSENFELD, 2005. p. 269), ou mesmo à escravidão, como é o caso do liberal Joaquim Manuel de Macedo; mais difícil é encontrar um posicionamento de oposição radical ao Imperador, ao menos nesta primeira, assim como na segunda, gerações de românticos.

Gonçalves Dias, em sua *Meditação* (1845-1846), nada mais representa que uma moderação política que, sete anos depois, viria a se expressar através do Ministério de Honório Hermeto Carneiro Leão. Neste cenário literário, no qual parece haver cada vez menos espaço para uma corajosa crítica ao monarquismo, adianta-se o período de *transação*¹¹ de 1853.

De todas as partes, encontramos, pois, transação; o Marquês de Paraná foi o homem providencial do momento, porque soube amornar o banho-maria sedativo, após dois decênios agitados. Nesses primeiros românticos, havia esboços, embriões de Paranas literários” (CÂNDIDO, 2005, p. 54)

1.2.8 História e Biografia: caminhos inter cruzados na estrada da Nação

Em um período triplamente caracterizado pelo uso da história como via de legitimação dos Estados Nacionais, pelo reconhecimento da mesma como “disciplina científica” e pela ampliação do debate acerca da sua relação com a biografia, inúmeras produções biográficas foram elaboradas em terras brasileiras de tempos imperiais a partir de esforços de letrados cujo norte principal se remetia duplamente à fundação de um imaginário nacional e à construção e propagação de um projeto de nação, baseado no princípio monárquico de governo, e em valores e práticas de um certo imaginário nacional garantidor, entre outros aspectos, do caráter unitarista e centralizador do regime então instaurado.

¹¹ Analisando o período imperial brasileiro em seu mais famoso panfleto, Justiniano José da Rocha trabalha com três momentos: *Ação* (1822-1836), momento de predomínio, segundo o autor, do princípio democrático; segundo os saquaremas, de grave crise / *Reação* (1836-1852), abarcando o cenário de reação monárquica, no qual os saquaremas começam a expandir sua *direção* / *Transação* (início em 1853), quando o consenso norteado pelos saquaremas se materializa, dentre outros, através do Ministério da Conciliação (ROCHA, 1965. p. 159-205).

Coleções de biografias que fomentaram a construção de galerias de ilustres, cada qual em suas características e possibilidades, narraram as vidas de brasileiros notáveis com a função de fornecer exemplos patrióticos em tempos de vigência monárquica em terras brasileiras. Como exemplo de tais obras, temos *Galeria dos Brasileiros Ilustres*, erigida pelo francês Sebastião Augusto Sisson, produção por nós entendida como manifestação do uso da biografia na qualidade de discurso fundador e difusor da memória e da identidade da nação brasileira que, se por um lado já apresentava minimamente consolidada sua unidade territorial e política, por outro ainda buscava garantir o sucesso de um projeto civilizatório, da ordem e do progresso.

Através “*da pena*” destes biógrafos, os “homens de exceção” do Brasil, após uma seleção meritocrática, puderam ser salvos do olvido do passado, sendo suas vidas narradas em glórias e suas ações interpretadas como símbolos de conduta por seus compatriotas. Para além da escolha de quem não deveria ser esquecido, colocava-se a dimensão de como deveriam ser lembrados, em um jogo metonímico em que a parte, leia-se o indivíduo, pudesse ser o todo, naqueles termos, a sociedade nacional. Tais ilustres são, assim, convertidos em “atores históricos” inscritos, portanto, no relato da construção de uma história e de uma memória nacional (GONÇALVES, 2009, p. 425-465).

Deste modo, a História, assim como o gênero biográfico, assume em terras brasileiras de tempos imperiais uma vertente que, igualmente presente em boa parte dos países ocidentais, mostrava-se comprometida com a formação do Estado Nacional. Com este intuito, colocavam-se em ação escritores devotados à recuperação e preservação da memória nacional, através do sistemático registro dos grandes fatos, das datas memoráveis e das ações insignes dos grandes homens brasileiros, o que quase sempre significava dizer “os homens políticos”. Deviam, então, coligir, metodizar e guardar documentos, registrar fatos e nomes com a finalidade última de compor uma história nacional, de elaborar um discurso da história pátria, recriando um passado, por meio da divulgação pedagógica da vida de “grandes homens” (cujas grandezas estariam articuladas aos valores de determinado projeto de Nação) e solidificação de mitos fundacionais (SCHWARCZ, 1989).

2 NA GALERIA DE SISSON: OS BRASILEIROS ILUSTRES DO IMPÉRIO DO BRASIL

2.1 Uma Galeria Imperial

[...] todos os povos naturalmente se ufanam de ver perpetuada a memória de seus heróis e varões beneméritos, ou nos cantos dos poetas, ou nos momentos que a gratidão nacional lhes consagra, ou enfim, e, principalmente, nos escritos biográficos e conscienciosos; um tributo de gratidão devido aos beneméritos, e, o que não importa menos, um incentivo poderoso, que convida os filhos a seguir os exemplos dos pais, e que faz suceder por novos os antigos beneméritos (SISSON, 1999, p. 13).

Palavras expostas pelo autor ao início de sua obra, tais vocábulos exibem as intenções maiores de Sebastião Augusto Sisson ao publicar sua *Galeria dos Homens Ilustres no Brasil*. Intentos que, através da biografia de “homens notáveis”, esquadriavam não apenas uma justa homenagem aos mesmos, mas igualmente, e principalmente, incitavam determinadas referencialidades nas vidas de seus contemplados. Através do trabalho de escrituração biográfica, os grandes nomes ilustres se convertiam em personagens da história da nação, o que, no caso específico da presente galeria, abrangeria o registro da história do tempo presente do Império¹², por meio da consignação de seus homens célebres.

Temos, então, uma coleção de textos biográficos que apresenta algumas possibilidades de análise, *Galeria dos Brasileiros Ilustres*, obra cujas apreciações devem ultrapassar a produção em si: há que se olhar o século XIX, o Brasil imperial – tempo e espaço de produção de ambas – as condições e interesses que (*in*)formaram a elaboração deste escrito, enfim, o seu *lugar social*:

Levar a sério o seu lugar não é ainda explicar a história. Mas é a condição para que alguma coisa possa ser dita sem ser nem legendária (ou “edificante”), nem a-tópica (sem pertinência). Sendo a denegação da particularidade do lugar o próprio princípio do discurso ideológico, ela exclui toda teoria. Bem mais do que isto, instalando o discurso em um não-lugar, proíbe a história de falar da sociedade e da morte, quer dizer, proíbe-a de ser a história” (CERTEAU, 2002. p. 77).

¹² Na introdução de sua obra, Sisson expõe seu objetivo de narrar e apresentar as vidas dos homens ilustres do cenário político do país “desde a Independência”, ou seja, de tempos imperiais. (SISSON, 1999, p. 14)

A *Galeria de Sisson* é repleta de “*homens ilustres*” que, cada qual em suas funções e ações, apresentavam-se enquanto figuras de destaque dentro da sociedade imperial brasileira. Nessas narrativas, mais do que a preocupação em apresentar trajetórias de vida, houve uma ênfase em enaltecer o que tais personagens realizaram ou estavam por realizar em prol da construção do Estado e da Nação.

2.2 A imagem que vem das letras, a imagem que vem da pedra

O primeiro traço marcante da *Galeria dos Brasileiros Ilustres* se explicita no próprio título: o termo *galeria* está intimamente ligado à idéia de *imagem*. Assim, as efígies dos “homens ilustres” são representadas não somente pela narrativa (biografia), mas como também através de retratos (litografia). Como norte de ambas, temos a busca da imortalização desses varões e de suas ações.

Na verdade, o ofício primeiro de Sisson era litógrafo. Inserido num cada vez mais latente mercado de imagens, o francês ganhou destaque na concorrida área já na década de 50, período de sua chegada ao Brasil. Anunciava-se no *Almanak Laemmert*¹³ como “Litógrafo Imperial”, distinção que o elevava ao mais alto patamar frente aos seus colegas de profissão.¹⁴

Embora percebesse a existência de incômodos limites ao desenvolvimento da litografia no Brasil – em destaque os elevados preços decorrentes de um poderoso monopólio da impressão de retratos então existente no país – Sisson mostrava-se confiante no sucesso de seu empreendimento:

Ao mesmo tempo prometemos ao público um grande e sucessivo melhoramento na impressão dos retratos. Os obstáculos que temos encontrado da parte daqueles que deviam ajudar-nos; os preços exorbitantes exigidos por aqueles que cuidam ter o monopólio da litografia, nos levarão a formar um impressor que, se ainda não atingiu a perfeição de trabalho dos da Europa, tem contudo tanta inteligência como estes, e, com a prática que pouco a pouco irá adquirindo, nada mais nos deixará que invejar aos bons operários europeus do mesmo gênero (SISSON, 1999, p. 11).

Criada na Europa em fins do século XVIII e trazida ao Brasil no *oitocentos*, a técnica da litografia contribuiu para a popularização não somente de anúncios, periódicos e outras impressões, mas igualmente da imagem de indivíduos desejosos de maior status social, obtido a partir da divulgação de seus feitos e aparências.

¹³ O *Almanak Laemmert*, também conhecido como *Almanaque Administrativo, Mercantil e Industrial do Rio de Janeiro*, publicado no Rio de Janeiro pela Corte Real entre 1844 e 1889, pelos irmãos Eduard e Heinrich Laemmert, era constituído por informes sobre a administração pública, o comércio, a indústria, os nomes e endereços dos principais habitantes do Rio de Janeiro, anúncios de produtos e serviços, dentre outros.

¹⁴ Maiores informações sobre o ofício de Sebastião Augusto Sisson, bem como outros aspectos de sua vida, são analisados ao longo do terceiro capítulo desta dissertação.

A notoriedade da litografia devia-se ao mesmo tempo à sua ampla aceitação por parte dos artistas, interessados na simplicidade da técnica: a partir da pintura a óleo feita em uma pedra, o desenho é passado a uma folha de papel através da transferência da tinta presente anteriormente naquela.

Na *Galeria*, às imagens competem ilustrar o homem público. Para tanto, poses e trajés são cuidadosamente escolhidos, e em conjunto ao rosto do biografado, cumprem a distinta função de renovação do passado da pátria e eternização de seus filhos mais pródigos, protagonistas de cenas brilhantes. Para Sisson, mostrava-se esforço limitado “*a simples relação dos feitos dos grandes homens*”. Nas palavras do autor:

[...] a nação, como a família, se apraz de conservar indelével a imagem e a figura de seus membros mais distintos. A Pátria, como a mais extremosa das mães, se extasia ante os retratos de seus filhos. [...] Encontra-se finalmente um encanto indizível em ter junto da história do herói, ou do homem eminente, a imagem de seu rosto (SISSON, 1999, p. 13-14).

Singular ao seu tempo, a *Galeria dos Brasileiros Ilustres* expõe seus homenageados a partir da parceria entre a escrita e a imagem, a “letra” e a “pedra”, a biografia e a litografia. Mais que uma preocupação estética, embora esta pareça ser evidente, manifesta-se o desejo da panteonização do passado, à moda de um museu que se por um lado o pacifica, por outro o entende como celeiro de referências de valores e atitudes à contemporaneidade:

Tal é o fim a que se propõe a Galeria dos Brasileiros Ilustres: praza ao céu que ela corresponda aos nossos desejos, às nossas esperanças e aos trabalhos a que não nos poupamos, e que possa concorrer no presente e no futuro para a glória deste portentoso país que Deus acumulou de favores e de riquezas, e a quem deu filhos tão dignos e cidadãos tão dedicados (SISSON, 1999, p. 16).

2.3 Em destaque, o homem público

A História de uma nação não é, em grande parte, mais do que o conjunto das biografias de seus homens políticos (SISSON, 1999, p. 252).

Sentença anunciada nas primeiras linhas da biografia de Pedro Ferreira de Oliveira, militar renomado cujos esforços contribuíram para o sucesso da integridade territorial brasileira¹⁵, evoca um certo entendimento acerca da História e da constituição de uma Nação, comprometidas com os feitos realizados por seus membros políticos mais proeminentes.

¹⁵ Sisson enaltece as campanhas militares integradas pelo militar no combate a movimentos separatistas e na resolução de problemas territoriais existentes entre o Império do Brasil e a República do Paraguai.

Neste sentido, era justamente a vida pública destes notáveis que despertava maior empenho no trabalho de Sisson: “Em nossos trabalhos biográficos, esmerilhando cuidadosamente a vida pública do homem, suspenderemos nossos passos diante do lar doméstico e cerraremos os olhos ao proceder particular, [pois] não cabe ao escritor a vida íntima do cidadão [...]” (SISSON, 1999, p. 15).

Esfera pública por excelência, a política mostrou-se, assim, como o domínio predileto de Sisson ao eleger seus homenageados. Como regra, os biografados de Sisson eram estadistas, e era como tal que a maioria deles se destacava. Através da política, estes homens proeminentes davam sua grande contribuição ao desenvolvimento da Nação. Fosse no Senado, na Câmara dos Deputados, na pasta de algum Ministério ou em algum outro cargo político-administrativo, suas atuações eram primorosas e voltadas nomeadamente para o progresso do país.¹⁶

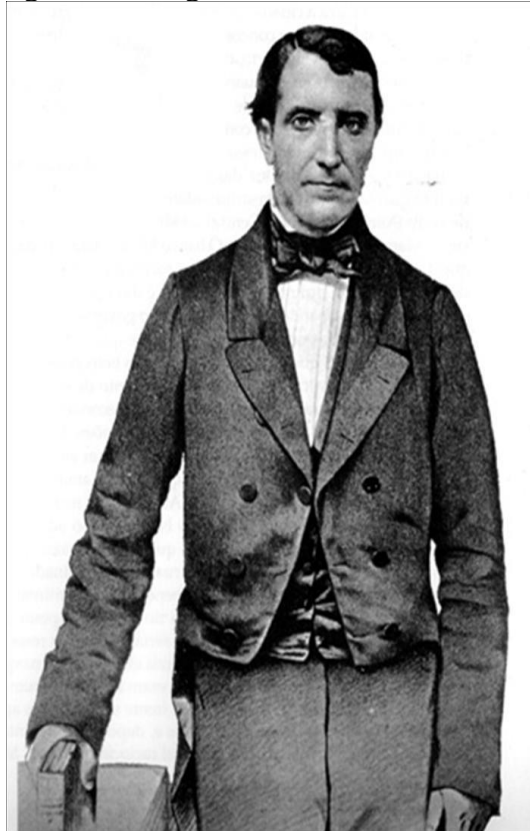
Iniciadas normalmente com rápidas ponderações acerca dos familiares e da mocidade do biografados, as biografias são em sua maioria constituídas por relatos que colocam-se justamente em narrativa das ações públicas, destacadamente vinculadas à esfera da política estatal. Deste modo, não é espantoso a relevante quantidade de anúncios acerca de discursos deferidos nas Câmaras Legislativas, de relações desenvolvidas na Corte Imperial, de decretos estabelecidos, enfim, de atuações de homens públicos que, “voltado[s] inteiramente ao bem da pátria, procur[aram] ilustrá-la com as continuadas obras que fo[ram] dando sucessivamente à luz, a expensas próprias, sobre, economia, política, religião e moral” (SISSON, 1999, p. 161).

No entanto, a partir das informações contidas na tabela localizada ao final deste capítulo¹⁷, podemos perceber que alguns dos biografados se mostravam exemplares através de ações efetuadas em outras áreas que, contudo, igualmente se apresentavam necessárias ao progresso da Nação. É o caso de Irineu Evangelista de Sousa, o Barão de Mauá, cuja presença na galeria de Sisson foi assegurada menos por sua atuação como deputado na década de 50, do que como empreendedor comercial: a autoria da construção da primeira via férrea do Brasil, e de tantas outras, lhe garantiu o posto de *herói* nacional.

¹⁶ Tal evidência pode ser ratificada pelo fato de cinquenta e um dos noventa biografados (embora sejam oitenta e nove biografias, uma delas homenageia conjuntamente as princesas D. Isabel e D. Leopoldina) por Sisson em sua Galeria terem atuações diretamente vinculadas à esfera política (incluindo aqui os imperadores D. Pedro I e D. Pedro II, a Imperatriz D. Teresa Cristina e suas filhas).

¹⁷ Ao final deste capítulo, há uma tabela com algumas informações sobre todos os biografados presentes na *Galeria dos Brasileiros Ilustres*, tais como nome completo, principal ocupação e local de nascimento.

Figura 1 - Litografia do Barão de Mauá



Fonte: SISSON, 1999, p. 33.

Os militares são outros elementos de destaque na *Galeria de Sisson*¹⁸. Tal evidência parece ser fruto principalmente dos subsídios proporcionados pelas atuações destes homens em prol da manutenção da unidade territorial, estrutura frágil e ainda em processo de consolidação até ao menos os primeiros anos do reinado de D. Pedro II:

Mesmo antes de eclodir a [Revolução] Praieira em 1848, as elites imperiais vinham procurando formalizar as regras do jogo político. O grande acordo, afinal alcançado, tinha como pontos básicos o reforço da figura do Imperador, com a restauração do Poder Moderador e do Conselho de Estado, [...] e um conjunto de normas escritas e não escritas, medidas que buscavam garantir, dentre outros desígnios, a combatida homogeneidade do território brasileiro (FAUSTO, 2004. p. 179).

A nação procura ainda as condições da sua organização interna. O problema político agita todas as inteligências. Todas as forças intelectuais do país convergem para esse ponto. A glória só pode ser conquistada nas lutas políticas” (SISSON, 1999, v. 2, p. 354).¹⁹

Neste contexto, o Exército constitui-se em instituição fundamental à integridade da nação, desta conjuntamente bastião e representante. Constituída por homens dignos, é

¹⁸ Ao todo, dezessete biografados apresentavam como sua principal ocupação as “Armas”.

¹⁹ Passagem presente na biografia de José Antônio Marinho, escrita em fins dos anos de 1850. (SISSON, 1999, v. 2, p. 354).

notoriamente um celeiro de referências morais, como é o caso do general João Crisóstomo Calado, exemplar enquanto militar, modelar enquanto cidadão:

O velho general é o orgulho dos veteranos que ele guiou às batalhas do tempo passado; é o pai desses mesmos e dos novos soldados com quem por vezes partilhara perigos, infortúnios, proezas e triunfos; o velho general é a crônica viva e respeitável desses mil episódios tremendos, brilhantes, calamitosos, entusiásticos da história variada e eletrizadora da guerra; o velho general é o exemplo da disciplina, é o símbolo da fidelidade, é a confiança da pátria, o baluarte da nação, o guia da vitória: a sua experiência é um grande livro, onde os novos guerreiros aprendem segredos que as mais sábias teorias não descortinam” (SISSON, 1999, v. 2, p. 53).

O Exército é uma família imensa: todos os soldados são irmãos e os velhos generais são como os venerandos patriarcas desses milhares de homens, que têm todos a mesma bandeira, que prestaram todos o mesmo juramento, que obedecem todos ao mesmo dever: são lendas vivas de um passado que pertence a eles todos. E quando morre um desses capitães [...] o Exército chora um chefe, os soldados um pai, a Pátria um benemérito” (SISSON, 1999, v. 2, p. 54).

Em tais passagens, o “velho general” é caracterizado como “crônica viva” de um passado pertencente a ele e a todos os outros militares, tal qual o indivíduo ilustre tem sua vida exposta como referência de um tempo pretérito concernente ao todo da comunidade nacional. Constituídos em lenda, o general e os outros baluartes são, assim, pedagogicamente instituídos em “símbolos” e “guias” da coletividade da qual colocam-se como representantes, seja o exército, seja a nação, sejam ambos.

Editada em fins da década de cinquenta, a Galeria celebra os feitos do já reconhecido Tenente-General Marquês de Caxias, futuro Duque. “Homem de Armas de grande desenvoltura e honradez” (SISSON, 1999, v. 2, p. 96), Luís Alves de Lima e Silva prestara seus serviços à Nação brasileira desde a “gloriosa luta da Independência”, mas sobretudo ao longo das Regências, momento em que “[...] a tropa, cuja subordinação e disciplina haviam sido profundamente abaladas por doutrinas perniciosas levadas pelo vórtice revolucionário, ameaçavam com a permanência da desordem, característica do conturbado período” (SISSON, 1999, v. 2, p. 89).

Neste contexto, muitas páginas da biografia do tenente-general Luís Alves são destinadas ao relato de sua gloriosa atuação no combate ao “[...] incêndio causado pela revolta na província do Rio de Grande do Sul, atado em 1835” (SISSON, 1999, v. 2, p. 90), ou seja, à Revolta Farroupilha, movimento que, segundo Sisson, pôs em sério perigo a unidade do Império do Brasil, sendo solucionado em grande parte graças à “energia, patriotismo, diplomacia e boa vontade do Marquês de Caxias” (SISSON, 1999, v. 2, p. 97)

Figura 2 - Litografia do Marques de Caxias



Fonte: SISSON, 1999, v. 2, p. 85²⁰

Religião oficial do Império do Brasil, o catolicismo mostra-se na *Galeria de Sisson* como uma poderosa referência. Explica-se, então, a relevância apresentada pelos nove biografados cuja ocupação principal vinculava-se ao clero católico. Laureados em seus princípios e condutas, estes homens apresentam qualidades que, proclamadas enquanto paradigmas, colocam-se a favor do fortalecimento do rebanho de Cristo e da “sagrada nação brasileira”, objetivos conciliáveis e correlacionáveis:

[O padre] José Antônio Marinho não é um desses nomes que a indiferença dos contemporâneos possa esquecer rapidamente. Sua existência ative e empreendedora deixou sulcos profundos, que a mão do tempo dificilmente poderá apagar. Como político, como padre e como educador da mocidade soube elevar-se muito acima dos homens vulgares. O círculo de suas relações era vasto, seu nome popular não só na província do seu nascimento, como em todo o Império, [...] engrandecido por sua existência ((SISSON, 1999, v. 2, p. 348-349).

Embora o esforço de Sisson pareça ser convencer sobre a possibilidade e o sucesso de tal conciliação, em momentos de fragilidade do acordo o patriotismo prepondera nas atitudes dos sacerdotes. O padre Diogo Antônio Feijó, regente entre os anos de 1835 e 1837, é claro exemplo:

²⁰ Maiores informações sobre Caxias em SOUZA, Adriana Barreto de. *Duque de Caxias: o Homem por trás do Monumento*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

Não obstante ser Feijó presbítero do hábito de S. Pedro, sem faltar ao respeito ao Papa, não teve com a santa Sé condescendência, quando se tratava de salvar a dignidade nacional. Sem comprometer o essencial da religião, propôs à Assembléia a independência das decisões espirituais, a livrar o católico brasileiro ir a tão longe mendigar recursos, que deveria achar dentro do Império (SISSON, 1999, v. 2, p. 343).

Figura 3 - Litografia de Diogo Antônio Feijó



Fonte: SISSON, 1999, v. 2, p. 337

Além dos clérigos biografados, os outros homenageados da Galeria são notadamente “bons cristãos”. No conjunto, para além de seus fiéis, a Igreja enquanto instituição é igualmente reverenciada: “A fiel e constante observância dos deveres que a Igreja impõe aos seus ministros; os atos de piedosa caridade que exercita, sempre que à sua proteção recorrem os indigentes, nos inspiram sentimentos de respeito e veneração” (SISSON, 1999, v. 2, p. 35).

O reconhecimento social por estes ilustres varões era amplo, materializado pela grande quantidade de condecorações e homenagens por eles recebidas. Todos estes heróis nacionais foram agraciados com ao menos uma das mais importantes distinções de sua época, notadamente a grã-cruz da ordem do Cruzeiro, altivez conquistada e exibida por quase todos os biografados.

Figura 4 - Litografia do Marquês de Maricá



Fonte: SISSON, 1999, v. 2, p. 211

Figura 5 - Litografia do Barão de Suruí



Fonte: SISSON, 1999, v. 2, p. 395

Figura 6 - Litografia do Marquês de Valença



Fonte: SISSON, 1999, v. 2, p. 131

Figura 7 - Litografia de Francisco de Lima e Silva



Fonte: SISSON, 1999, v. 2, p. 357

De qualquer modo, independente da ocupação do biografado, a notoriedade pública mostra-se como item fundamental à sua escolha e à composição do próprio relato biográfico.

Mesmo que em determinadas biografias aspectos mais íntimos dos seus homenageados possam ser notados, tais são interpretados em sua relação com o espaço público. Em outras palavras, o pessoal e familiar são esclarecidos somente em ratificação aos bons valores que constituem o biografado em sua atuação na coletividade política. De tal modo, na biografia de José Feliciano Fernandes Pinheiro, o Visconde de São Leopoldo, é dito que “*na vida particular era o visconde o complexo de todas as virtudes que se desejam encontrar num homem, e ainda hoje é sua memória abençoada por todos que tiveram a ventura de conhecê-lo*” (SISSON, 1999, v. 2, p. 231-232).

Assim, estadistas, militares, religiosos, profissionais liberais, enfim, homens públicos, eram noticiados em uma *Galeria* que apresentava personagens cujos valores e ações pudessem ser entendidos como referências comportamentais aos demais brasileiros. Sob tal perspectiva, o passado narrado é entendido como modelo ao tempo seguinte, compreensão evidenciada através da seguinte passagem presente na biografia de Evaristo Ferreira da Veiga:

A História, farol brilhante erguido nas fronteiras do passado para iluminar a estrada do futuro, nunca mais digna se torna do que quando, espancando as trevas que rodeiam os túmulos, nos mostra em todo o seu esplendor os varões ilustres, cujos feitos honraram o país de seu nascimento, cuja vida foi gloriosa para a humanidade. Esses homens modelos, que provocam a atenção do presente, deixam escapar dos lábios gelados palavras conselheiras de virtude, de valor, de nobreza; [...] Cumpre pois que a História, iluminando com seu facho as sombras do passado, nos deixe ver em toda a luz as imagens dignas de veneração; que de geração em geração uma voz se erga dentre o povo, como a da sentinela quando alta vai à noite, repetindo o nome e os feitos dos homens que ganharam a imortalidade, prestando homenagem ao passado e incitando os ânimos, que desfalecem o presente (SISSON, 1999, v. 2, p. 259-260).

“Farol brilhante erguido nas fronteiras do passado para iluminar a estrada do futuro”, a História é então concebida segundo uma perspectiva comprometida com o balizamento da posteridade. Aos homens ilustres de cada tempo, iluminados por este fanal, caberia assim a função modelar de referência comportamental aos seguintes. Àqueles que narram o passado, salvá-lo do esquecimento, bem como seus indivíduos mais distintos.

2.4 O passado presenciado, o presente enquanto perspectiva

Para além da preferência pelos *homens públicos*, a *Galeria* apresentava tantas outras diretrizes. Estratégia pedagógica, a contemporaneidade existente entre o trabalho de Sisson e seus biografados é evidente: a coletânea se faz a partir da apresentação de personagens ou ainda vivos, ou – no caso de falecidos – responsáveis por feitos e idéias ainda presentes e influentes no cenário imperial brasileiro de inícios da década de 1860.

Dos noventa biografados, somente trinta e nove haviam falecido em 1861, ano de finalização da edição da *Galeria dos Brasileiros Ilustres*. Destes mortos, dezenove feneceram ao longo da década de cinqüenta ou nos primeiros anos do decênio seguinte, ratificando a hipótese da predileção de Sisson em biografar contemporâneos ou recém-moribundos, possível tentativa de facilitar sua estratégia pedagógica em tomar tais indivíduos como modelares aos homens do seu tempo.

Em relação aos mortos, a ausência física de modo algum compromete a relevância do biografado ou mesmo sua presença na *Galeria*. Ao contrário, tal lacuna é compensada pela idoneidade e exemplaridade da vida destes homens. Suas *experiências* são, então, silenciadas ou narradas segundo determinados *horizontes* relacionados fundamentalmente, aos que nos parece, com a edificação de uma nação imperial.

Neste cenário, a Independência, tomada como marco inicial do Império do Brasil, é constantemente referenciada, assim como seus personagens, muitos dos quais biografados por Sisson, tantos falecidos no momento de edição de sua *Galeria*:

Nossa missão, pois, se resume exclusivamente em transmitir à posteridade os traços dos principais personagens do heróico drama da Independência do Brasil [...] a maior parte já pagou o tributo à morte, e não são mais que sombras ilustres do panteão histórico do Brasil; [...] como venerandos monumentos do passado, e com seu exemplo, seus conselhos e sua experiência animam aqueles que, jovens ainda, e cheios de vigor e de esperanças, continuam a obra grandiosa de seus pais (SISSON, 1999, v. 2, p. 15).

Glorificado como um dos mais importantes protagonistas do processo de independência do Brasil, o falecido Martim Francisco Ribeiro de Andrada representa um tempo anterior que, por sua proeminência seguinte, jamais deveria ser olvidado pela contemporaneidade. Através deste “majestoso Andrada”, Sisson homenageia tal momento pretérito:

A causa da liberdade no Brasil tem sido ilustrada por devoções patrióticas, por sacrifícios heróicos. Filhos ingratos, nós renegamos o passado, e olhamos com desdenhosa indiferença para aqueles que nos legaram uma nacionalidade. A lápida, que encerra os restos de nossos grandes homens, guarda também as glórias da pátria [...]. Desde a Independência até hoje há mais de um exemplo eloquente para atestar a grandeza histórica de nossos maiores, José Bonifácio, Martim Francisco, Antônio Carlos, Feijó, Paula Sousa, Alves Branco, são nomes que simbolizam épocas, e hão de representar com honra o Brasil de hoje perante as gerações futuras. No grande pórtico de nossa história política a figura majestosa de Martim Francisco Ribeiro de Andrada. Enquanto o passado for uma religião; enquanto a virtude cívica for honrada, e o patriotismo merecer cultos, esse nome viverá nas recordações da pátria agradecida. Sua glória selou-a já a tradição” (SISSON, 1999, v. 2, p. 23).

Os sacrifícios inerentes às vidas dos ilustres brasileiros que lutaram pelo crescimento nacional desde a independência do país, não obstante a ingratidão de sua sociedade, deveriam

ser salvos do nocivo e estéril esquecimento. Tal celebração mostrar-se-ia fundamental à edificação e consolidação de uma certa “nacionalidade”, constituída então a partir da veneração patriótica de um determinado passado.

Figura 8 - Litografia de Martim Francisco Ribeiro De Andrada



Fonte: SISSON, 1999, v. 2, p. 21

Quanto aos vivos, são interpretados como ícones de um presente que, devoto de sacrifícios passados – “os dez anos do primeiro reinado, o período regencial, e os primeiros anos do segundo reinado não se passaram no seio da paz” ((SISSON, 1999, v. 2, p. 347) – representa um tempo de notáveis avanços. Assim, faz-se um duplo movimento em direção à consagração de determinados legados e ao enaltecimento da época presente:

[...] Daqueles que dirigem [hoje] o país em sua marcha regular [...], representantes das novas idéias, nossas biografias serão apenas a primeira parte de suas vidas, parte sem dúvida a mais difícil, porém ao mesmo tempo a mais gloriosa; porque é ela o laço, o anel, a cadeia que prende duas épocas da história do Brasil, o passado, época de lutas tremendas, e de organização depois da vitória; e a atualidade, período de progresso e de civilização.

Ao início da biografia do franciscano Francisco do Monte Alverne, Sisson expõe um aspecto que, em sua perspectiva, dificultaria a produção de biografias de indivíduos vivos ou recém-finalizados, qual seja, a influência de anseios e outras parciaisidades que poderiam interferir na neutralidade de seu trabalho:

Ainda não é tempo para bem julgar aquele que acaba de descer à sepultura. Ainda a luta do sentimento e da paixão pode abrasar os ânimos, e fulminar o que por nossa consciência, aliás pura e sincera, for ditado em prol do ilustre finado ((SISSON, 1999, v. 2, p. 315).

atesta Sisson acerca da morte do franciscano, ocorrida em 1858, um ano antes do início da edição da *Galeria dos Brasileiros Ilustres*.

Figura 9 - Litografia de Fr. Francisco do Monte Alverne



Fonte: SISSON, 1999, v. 2, p. 313

De qualquer modo, em nossa compreensão, tal qual os falecidos, os biografados vivos igualmente tiveram seu passado e presente narrados segundo determinados aspectos norteadores da *Galeria de Sisson*. Deste modo, novamente percebemos que suas *experiências* foram, então, interpretadas a partir de *horizontes* relacionados essencialmente com a defesa de uma ordem monárquica garantidora, dentre outros fundamentos, da integridade territorial brasileira e de sua unidade político-administrativa.

2.5 Galeria de Estandartes

Podemos ufanar-mos de que o nosso empenho fosse bem recebido e acoroçado pelos brasileiros, e muito nos honra a distinção com que Sua Majestade o Imperador o Senhor D. Pedro II se dignou de tomar debaixo de sua imediata proteção especial a Galeria dos Brasileiros Ilustres (SISSON, 1999, v. 2, p. 13).

Presentes na introdução da *Galeria dos Brasileiros Ilustres*, tais palavras de Sisson, recorrentes ao longo de tantas outras páginas de sua obra, evidenciam aquele que foi o mais

importante apoio à sua produção, a adesão do Imperador D. Pedro II. Dentre outras análises, o recorrentemente festejado incentivo imperial ratifica a compreensão que evidencia um aspecto que parece estar presente na vida de todos os biografados de Sisson, a saber, a defesa de pressupostos então entendidos como garantidores da soberania nacional, em particular, o regime monárquico.

A gratidão do francês à Sua Majestade transfigurou-se não apenas em pronunciamentos agradecidos, mas igualmente em uma biografia destacadamente veneradora. Em tais páginas, o Imperador é vangloriado em todas as suas ações; seu nascimento é tratado como um bem para a Nação; seu governo, festejado em comparação à regência de seu pai, D. Pedro I, que, segundo Sisson, não teria se preocupado em conter os “excessos do monarquismo”.

Após o conturbado período das Regências, caracterizado por “uma cadeia de ameaças burladas pela impotência do governo, e divisão dos partidos, que se repartem em grupos de aspirações extraordinárias, porém, pobres de ação” (SISSON, 1999, v. 2, p. 216-217), a chegada de D. Pedro II é enaltecida enquanto a vitória de uma estrutura governamental equilibrada e legítima, uma monarquia constitucional garantidora das liberdades, mas opositora da “hidra da revolução”. Assim, “o povo saúda o triunfo da monarquia, [...] consider[ando] o governo de D. Pedro II antes filho do sufrágio universal do que do direito de sucessão” ((SISSON, 1999, v. 2, p. 189).

Característica exaltada em tantos outros biografados, a moderação política é, deste modo, um dos traços mais relevantes e benéficos da regência de D. Pedro II, sendo seu reinado enaltecido justamente pelo “extermínio de extremos” e pela “superação de paixões”. Louva-se, portanto, o Segundo Reinado enquanto um período de bem sucedida *reação* e consolidação de um projeto político que, caracterizado pela moderação, edificava-se a partir da *transação*²¹ e frutíferas conciliações:

Os absolutistas e republicanos foram exterminados [...] O Sr. D. Pedro II coloca-se acima das paixões políticas. Chama indistintamente para o Ministério homens das diversas parcialidades, e desgostoso das exagerações de partido que em 1842 e 1848 foram causa de guerras civis, arvora o pavilhão de uma política nova, que acabará com os excessos dos partidos políticos e concorrerá para que os brasileiros perpetuamente se congratem (SISSON, 1999, v. 2, p. 190).

O Imperador é elogiado ainda por sua intelectualidade e compaixão para com os mais necessitados, características que o colocariam entre os mais notáveis governantes de sua

²¹ Os conceitos de “reação” e “transação” são aqui utilizados em referência às compreensões desenvolvidas por Justiniano José da Rocha. (ROCHA, 1965. p. 159-205).

época. Quanto àquele aspecto, em sua litografia exalta-se, então, o “letrado”, envergado em traje civil, com livros ao fundo e um em suas mãos:

Os atos da vida pública do Sr. Pedro II atestam sua capacidade intelectual e uma erudição invejável. As nações estrangeiras consideram-no como um dos mais ilustrados monarcas [...] [Igualmente], a bolsa do nosso Imperador abre-se sempre ao pobre que lhe suplica uma esmola, [...] e ordena que parte de sua insignificante dotação seja distribuída pela classe pobre (SISSON, 1999, v. 2, p. 190).

Figura 10 - Litografia de D. Pedro II



Fonte: SISSON, 1999, v. 2, p. 183

Sua mulher, D. Teresa Cristina Maria, é, se possível, ainda mais laureada por Sebastião Augusto Sisson. No entanto, tal celebração se dá segundo uma diretriz distinta. Enquanto o soberano é valorizado, sobretudo, em sua atuação política, são as qualidades de uma espécie de “mãe da pátria” que perfilam o retrato da imperatriz, benfeitora do povo:

Ornada pela mão pródiga da Providência de todas as virtudes que podem realçar o alto valimento do trono, a imperatriz do Brasil, nascida sob um outro horizonte, é, a opinião unânime dos brasileiros, uma protetora desvelada e amante, em cujo seio se entesoura uma afeição sincera ao seu povo. Se em algumas resoluções da monarquia pode-se crer que as inspirou de mais perto esse espírito divino que outrora, diz-se, iluminava os apóstolos e os aurúspices, na escolha da augusta soberana do Brasil, mais que nunca poder-se-á adotar como um mistério celeste o acerto e o seu resultado feliz (SISSON, 1999, v. 2, p. 467).

Retratada como uma mulher bondosa, acolhedora, além de ótima esposa e profundamente religiosa, a Imperatriz cumpre igualmente a função magisterial dos outros biografados da *Galeria*, exemplaridade balizada em seus valores e atitudes modelares:

Mãe inteligente e amorosa, como é esposa terna e amante, a imperatriz é hoje o modelo augusto, em que os brasileiros estudam o desenvolvimento e a beleza dos maiores afetos[...] os pobres invocam-na como assídua esmoler; os órfãos, como mãe, e o seu povo, como a mais eficaz das protetoras (SISSON, 1999, v. 2, p. 470).

Figura 11 - Litografia de Teresa Cristina Maria²²



Fonte: SISSON, 1999, v. 2, p. 465.

De um modo geral, na *Galeria dos Brasileiros Ilustres* são destinadas muitas de suas páginas e tantos de seus elogios a figuras centrais do Império do Brasil. D. Pedro II e D. Teresa Cristina Maria são, certamente, dois dos mais importantes destes personagens. Os outros oitenta e oito biografados, por outro lado, são igualmente apresentados como fundamentais ao sucesso da nação monárquica brasileira.

2.6 A Galeria presa na Teia de Penélope

Por dirigentes saquaremas estamos entendendo um conjunto que engloba tanto a alta burocracia imperial – senadores, magistrados, ministros e conselheiros de Estado, bispos, entre outros – quanto os proprietários rurais localizados nas mais diversas regiões e nos mais distantes pontos do Império, mas que orientam suas ações pelos

²² *Idem*, p. 465.

parâmetros fixados pelos dirigentes imperiais, além dos professores, médicos, jornalistas, literatos e demais agentes ‘não-políticos’ – um conjunto unificado tanto pela adesão aos princípios de Ordem e Civilização quanto pela ação visando a sua difusão (MATTOS, 2004, p. 3-4).

Estruturação política fundamental ao funcionamento do Segundo Reinado, mas já desenvolvida ao longo dos últimos anos do período regencial anterior, a “Direção Saquarema” (MATTOS, 2004, p. 3-4) vinculou dialeticamente o processo de construção do Estado imperial à constituição de uma determinada classe social senhorial e à gerência assumida por uma determinada força social, os Saquaremas, no desenrolar dos citados processos.

Neste cenário²³, a composição e solidificação do Estado Imperial são desenvolvidas conjuntamente à formação da classe senhorial Saquarema. Assim, esta se estabilizava enquanto classe senhorial na medida em que aquele se aprimorava.

Atuantes nas mais diversas esferas da sociedade, os saquaremas ampliavam seu poder e consolidavam seus direcionamentos através da difusão de seus ideais morais, culturais, sócio-políticos e intelectuais. Em nosso entendimento, a *Galeria dos Brasileiros Ilustres* partilha de tais valores e práticas saquaremas. Tal hipótese é ratificada não apenas pela extensa lista de biografados vinculados ao Partido Conservador, mas igualmente pelos aspectos exaltados nas narrativas biográficas dos outros homenageados, igualmente identificados com a defesa de valores e práticas característicos do projeto saquarema para o governo do Estado brasileiro e para a construção de sua nação.

O estandarte do monarquismo conduzido pela *Galeria* é, então, igualmente fundamental aos direcionamentos saquaremas, sendo o rei personagem capital ao seu fortalecimento. Com a chegada de D. Pedro II ao trono, após as Regências, período de fragilidade de um poder político central, a Coroa recupera seu prestígio, tal qual o Executivo amplia suas prerrogativas. Neste sentido, torna-se importante aos saquaremas aliam-se ao imperador, apresentando-se à sociedade como seus principais representantes, enfraquecendo, assim, posições que lhes fossem contrárias.

A existência de um poder monárquico e de um Executivo sólidos eram ainda essenciais para acabar com rebeliões, sedições e insurreições que dilaceravam a sociedade

²³ Trabalhamos aqui com a conceitualização desenvolvida por Ilmar Rohloff de Mattos da existência de um “Tempo Saquarema”, período de tempo que, compreendido entre o fim das Regências até meados dos anos de 1860, caracterizou pela gerência política dos chamados Saquaremas na organização do Estado imperial brasileiro. (MATTOS, 2004, p. 3-4)

brasileira, impedindo o sucesso de um determinado projeto de ordem e progresso.²⁴ Tendo isto em vista, os saquaremas forjam a Coroa como um partido. Torna-se papel da mesma, a partir de então, esparzir os idéias conservadores de *civilização e ordem*, tornando cada Luzia um Saquarema:

E na medida em que os Saquaremas se apresentavam como os propositores de um Império centralizado e dotado de um Poder Executivo forte para preservar a ordem – isto é, a reprodução da sociedade dos três mundos – todos os demais que se identificavam com o imperador não deixavam de se transformar em Saquaremas (MATTOS, 2004, p. 179).

Colocada como um partido, a Coroa fica encarregada de promover associações e difundir determinados valores comportamentais, identificados com a *Direção Saquarema*. Esta atuação ocorre em virtude de elementos que resultam da “força da Coroa e do prestígio do Imperador”, autoridade esta que se faz presente através de uma cadeia de lealdades e fidelidades que parte do Imperador em relação a seus súditos, “[...] da mais distante freguesia do Sertão até o senador do Império ou Conselheiro de Estado; e ligava, de outro lado, cada um dos homens livres tanto àqueles que se encontravam acima quanto aos que se encontravam abaixo na escala hierárquica” (MATTOS, 2004, p. 142-143). Assim, era a prática da troca de favores e encargos recíprocos uma das responsáveis pela reafirmação, a cada instante, da hierarquização contida nesta sociedade.

Para além da manutenção da ordem monárquica, da unidade territorial e da integridade político-administrativa, a *Direção Saquarema* norteava-se igualmente, então, pela defesa da manutenção de uma sociedade hierarquizada, baseada na distinção entre cidadãos ativos, cidadãos não-ativos e não-cidadãos. Em outras palavras, tratava-se de consolidar o “Império e seus três mundos”:

Governo, Trabalho e Desordem, os mundos constitutivos do Império do Brasil, mundos que se tangenciavam, por vezes se interpenetravam, mas que não deveriam confundir-se, por meio da diluição de suas fronteiras, mesmo que os componentes da “boa sociedade” fossem obrigados a recorrer à repressão mais sangrenta a fim de evitar que tal acontecesse (MATTOS, 2004. p. 136).

Em um jogo metonímico entre o que lembrar e o que esquecer, a *Galeria* escolhe o silêncio quanto à hierarquização da sociedade brasileira, não sendo esta alvo de críticas negativas ao longo das biografias. Ao contrário, a questão escravista, por exemplo, não se faz presente, assim como o monopólio da posse da terra pela “boa sociedade”²⁵. Os raros e breves pronunciamentos de Sisson acerca das distinções sociais características da sociedade imperial

²⁴ Projeto este identificado com a defesa de alguns princípios, a saber, a manutenção da unidade territorial e do regime monárquico, do sistema escravista, de uma sociedade hierarquizada, do monopólio da posse da terra pelos setores privilegiados e do uso da violência pelo Estado. (MATTOS, 2004. p. 3-4)

²⁵ Referência àqueles que ocupavam os mais altos postos na hierarquia social brasileira. (MATTOS, 2004. p. 136)

brasileira mostram-se, por assim dizer, isentos de maiores esforços no sentido da transformação. Ao contrário, segundo o autor, tais hierarquias só poderiam ser extintas no momento da “morte, [que] entre nós goza de um singular privilégio, nivela perfeitamente todas as condições sociais” (SISSON, 1999, v. 2, p. 421).

A luta armada mostrou-se como uma das principais formas de atuação política utilizada ao longo do século XIX. Bastante difundida na primeira metade do *oitocentos*, fato constatado através da existência de diversas rebeliões armadas no período, veio a ser reprimida pela ação governamental com maior eficiência nos anos seguintes.

Referência basal ao *projeto saquarema*, o privilégio exclusivo do uso violência pelo Estado mostrava-se, então, fundamental à preservação da integridade territorial brasileira, auxiliando na eliminação dos movimentos de resistência à ordem então estabelecida. Na *Galeria*, as ações estatais que ocorriam em favor de tal intento são freqüentemente apreciadas, caracterizando-se em motivos para o enaltecimento de seus autores.

Manuel Vieira Tosta, o Barão de Muritiba, “político de grande desenvoltura do Império do Brasil” (SISSON, 1999, v. 2, p. 246), tem sua vida evidenciada em favor do crescimento nacional, intento que confunde-se com a garantia da unidade territorial, atemorizada através de movimentos de caráter separatista ocorridos ao longo das primeiras décadas do governo imperial. Exemplos destes eventos, a Sabinada, ocorrida na Bahia, e a pernambucana Revolução Praieira foram providencialmente combatidas pelo barão:

Achava-se o Sr. Vieira Tosta com licença, quando rebentou a revolução de 7 de novembro de 1837 e logo desprezando o favor, e tornando a seu posto, como chefe de polícia da Cachoeira deu as mais enérgicas providências, pondo a força policial e a Guarda Nacional em pé de fazerem frente a qualquer agressão por aqueles lados, e evitando o contágio do mal (SISSON, 1999, v. 2, p. 244-245).

Aparecendo então o desgraçado movimento de Pernambuco foi o sr. Manuel Vieira Tosta, instado para que seguisse sem perda de tempo a tomar o governo da província. Recuar seria fraqueza, seria pôr-se em desacordo com os seus princípios, e faltar à promessa feita ao governo; por isso o Sr. Tosta, aceitando a arriscada missão, partiu. Ninguém ignora que principalmente a ele, à sua energia e critério se deveu a sufocação do terrível movimento, durante o qual pôs mil vezes em risco a sua própria vida (SISSON, 1999, v. 2, p. 246).

Figura 12 - Litografia do Barão de Muritiba



Fonte: SISSON, 1999, v. 2, p. 241

Garantir a boa relação com o mundo exterior, notadamente o europeu – referência à resolução dos problemas internos – elevando a nação brasileira a um patamar superior de *civilização*, e assegurar o primado da razão, entendido como condição ao triunfo do *progresso*, mostravam-se igualmente como bandeiras saquaremas:

Os olhos na Europa porque tinham como ideal erigir um Império soberano, à semelhança dos Estados nacionais europeus [...]. Reclamavam um lugar na Civilização, por se considerarem também filhos da Ilustração [...]. Os pés na América como resposta às rebeliões, sedições e instruções; sublinhando a particularidade da sociedade imperial, ao apresentar os elementos constituintes, distintos e hierarquizados, dos mundos do Governo, da Desordem e do Trabalho (SISSON, 1999, v. 2, p. 139-140).

Também em relação à defesa destes aspectos, Sisson dispõe diversas páginas de sua *Galeria*. Alusões a referencialidade européia dar-se, então, por meios frequentes e diversos, por exemplo, através de grande número de ilustres com formação acadêmica em cidades européias, notadamente Coimbra²⁶.

Ao localizarmos a obra de Sisson dentro do contexto de vigência de um projeto civilizatório de ordem e progresso edificado por membros do Partido Conservador, não surpreende a extensa lista de biografados *saquaremas*, constando inclusive à tríade formada por Eusébio de Queirós e os Viscondes de Uruguai e de Itaboraí, possivelmente os três representantes mais importantes do grupo.

²⁶ Dos sessenta biografados com formação acadêmica, vinte e oito são vinculados à Coimbra, um à Paris e outro a Gottigem, região alemã.

Figura 13 - Litografia do Marquês de Paraná



Fonte: SISSON, 1999, v. 2, p. 19

Figura 14 - Litografia do Visconde de Itaboraí



Fonte: SISSON, 1999, v. 2, p. 73

Figura 15 - Litografia do Visconde do Uruguai



Fonte: SISSON, 1999, v. 2, p. 47

Honório Hermeto Carneiro Leão, o marquês do Paraná, por exemplo, que morrera em meados de setembro de 1856, figurou na Galeria dos Brasileiros Ilustres como o primeiro dos oitenta e nove homenageados, dado que pode ainda nos indicar, dentre outras referências, a força possuída pela *Teia de Penélope Saquarema* (SISSON, 1999, v. 2, p. 47). Ganha destaque, assim, o por ele liderado Ministério da Conciliação que, iniciado em 1853, fortaleceu o regime monárquico e as diretrizes conservadoras:

O último Ministério do Marquês de Paraná é a história contemporânea que todos conhecem. Ele realizou o grande pensamento da conciliação proclamado do alto do Trôo e foi o iniciador de uma nova política (SISSON, 1999, v. 2, p. 24).

Em tempos de Sisson acomodação política, Sisson faz questão de frisar que uma das marcas mais latentes destes estadistas era justamente a capacidade de lidar com as diferenças – daí a recorrência de adjetivos como “moderado”, “justo”, “hábil”. Não hesitariam, se necessário fosse, em tomar atitudes contrárias às demandas das coligações as quais integravam. Não se submetiam a imposições nem a direções que colocassem a perigo os interesses da pátria, relacionados intrinsecamente, então, com as diretrizes saquaremas.

Neste sentido, os ilustres biografados na *Galeria* que integravam o Partido Liberal não tinham em suas vidas políticas maiores participações em “revoluções descabidas” ou “atitudes apaixonadas”. Igualmente, o apoio à monarquia parece ser incondicional: “O partido liberal na maior pureza de intenções teve o belo sonho de conservar a liberdade por meio da monarquia” (SISSON, 1999, v. 2, p. 425).

João da Silva Carrão, político referencial do Partido Liberal, é enaltecido em seu comedimento político. Integrante da ala mais moderada dos *Luzias*, sua oposição aos movimentos liberais de 1842 lhe garante poderosos elogios em sua biografia. Mais uma vez, o princípio da *ordem* é referencial:

Seus princípios de ordem e de liberal moderado repugnaram com o projeto da revolução de 1842 nas províncias de São Paulo e Minas Gerais [...] Não conhecemos alguém em política que padeça com mais resignação à proscricção, nem tampouco quem tenha esperança mais viva no futuro (SISSON, 1999, v. 2, p. 289-290).

Pois bem: o Dr. João da Silva Carrão é um belo modelo moral da grande virtude da moderação. Escrevo simplesmente a história da sua vida, para que fique bem certo que ele é dotado de um talento que se não excede, de uma alma que se não turba, porque lá impera sempre a razão [...] (SISSON, 1999, v. 2, p. 286).

Figura 16 - Litografia de João da Silva Carrão



Fonte: SISSON, 1999, v. 2, p. 283.

Talvez o mais representativo dos luzias, Teófilo Benedito Otoni tem sua vida narrada por Sisson em uma das maiores biografias de sua *Galeria*.²⁷ Embora seus feitos políticos não sejam esquecidos, por um lado são preteridos em favor de sua produção jornalística²⁸, por outro vão de encontro com determinadas diretrizes saquaremas, notadamente a defesa da ordem monárquica e do direito à propriedade privada.

²⁷ A biografia em questão apresenta vinte páginas, sendo que a média de todas as outras é algo em torno de oito páginas.

²⁸ Teófilo Otoni publicou o “Sentinela”, periódico cuja “divisa era a seguinte: o fim de toda a associação política é a conservação dos direitos naturais e imprescindíveis do homem; estes direitos são a segurança, a propriedade e a resistência à opressão”. (SISSON, 1999, v. 2, p. 434-435).

Figura 17 - Litografia de Teófilo Benedito Otôni



Fonte: SISSON, 1999, v. 2, p. 429.

Em tais páginas, a moderação igualmente torna-se o princípio político que, por um lado, concilia liberais e conservadores, e por outro consolida a administração saquarema, baseada na confecção de alianças e relações cada vez mais largas e numerosas, com os mais distintos grupos e esferas sociais. A “prudência política” é compreendida por Sisson, então, como fundamental ao fortalecimento da jovem nação brasileira:

No meio das grandes peripécias do drama social; nas oscilações tempestuosas que soem sempre acompanhar a infância das nações que se constituem, a providência não abandona a humanidade. Quando os destinos da sociedade agitados pela luta das paixões, vacilam incertos a perder-se nos abismos da dissolução, ela envia à Terra esses apóstolos predestinados, a quem entrega o verbo de uma nacionalidade nascente, e confia a missão de dirigir as gerações que, tímidas, tateiam o caminho apenas encetado da existência. [...] Engrandecidos pela consciência de sua elevada missão, eles atravessam com serenidade impassível o tumultuar das paixões, que ao redor deles se desencadeiam e realizam seu destino com a onipotência das grandes convicções. Em suas frentes, unidas pela glória, está estampado o selo da grandeza (SISSON, 1999, v. 2, p. 269).

Deste modo, a partir da extensa lista de biografados integrantes do Partido Conservador, mas sobretudo dos valores e princípios sócio-políticos exaltados ao longo de suas páginas, a *Galeria dos Brasileiros Ilustres* é por nós entendida enquanto uma produção cujos usos e compreensões estavam vinculados direto ou indiretamente, em seu momento de produção e divulgação, às diretrizes saquaremas, destacadamente a conservação de uma ordem imperial e a manutenção de uma unidade territorial e político-administrativa. Os

biografados de Sisson surgem, então, como estandartes de tais princípios, na maioria das vezes por suas enérgicas alegações, ou ao menos pela ausência de críticas mais veementes.

2.7 Uma exaltação constitutiva

Enquanto o passado for uma religião; enquanto a virtude cívica for honrada, e o patriotismo merecer cultos, esse nome viverá nas recordações da pátria agradecida. Sua glória selou-a já a tradição. (SISSON, 1999, v. 2, p. 23).

Nação jovem, ainda em processo de formação no período posterior à sua independência, o Brasil deveria buscar no passado os alicerces necessários a tal concepção. Com este princípio, Sisson acompanhava em sua *Galeria* uma determinada percepção acerca da História, caracterizada pela crença no tempo pretérito enquanto instância constitutiva da nacionalidade.

Para o francês, dentre outros elementos formadores, a composição desta nacionalidade seria devota destacadamente dos feitos de seus homens mais proeminentes, reinterpretados pela posteridade enquanto modelos de conduta:

Os povos que mais se têm distinguido na cena do mundo tornaram-se notáveis pelo culto que rendem à memória dos seus grandes homens. Honrando-os, conservando religiosamente a lembrança de seus feitos, inspiram às gerações novas o nobre desejo de imitá-los, e de excedê-los. É desta sorte que se fundam e se robustecem as grandes nacionalidades. Sem o laço da tradição que prende a geração atual às gerações passadas, sem o culto dos avós não há propriamente nacionalidade; a sociedade não passa de uma união determinada simplesmente por interesses atuais e efêmeros, e por isso não pode resistir ao choque de elementos hostis (SISSON, 1999, v. 2, p. 421).

Sob tal perspectiva, a *Galeria dos Brasileiros Ilustres* surgiria, por um lado, como conjunto referencial de tais indivíduos e procedimentos exemplares, e por outro como esforço constitutivo da formação da nacionalidade brasileira, processos dialéticos e, à visão de Sisson, indissociáveis.

A relação entre os indivíduos do hoje com tais ilustres não se colocava a partir de um simples processo de cópia. Assim, se por um lado as condutas destes últimos configuravam-se em referências aos primeiros, por outro haveria nestes demandas singulares que os fariam

criar. Em outras palavras, o desejo de imitar tais ilustres deveria ser complementado pela vontade de excedê-los.

Ao mesmo tempo, caberia ainda à *Galeria* romper com uma atitude que, perniciosamente, à solidez da Nação, mostrar-se-ia como relevante característica da sociedade brasileira, a renúncia ao passado, não obstante seus triunfos e grandeza:

Há muita vida, muita grandeza em nosso passado. A história contemporânea brasileira é fecunda em brilhantes episódios, em gloriosos exemplos, que devem ser religiosamente guardados pela gratidão nacional. A causa da liberdade no Brasil tem sido ilustrada por devoções patrióticas, por sacrifícios heróicos. Filhos ingratos, nós renegamos o passado, e olhamos com desdenhosa indiferença para aqueles que nos legaram uma nacionalidade. A lápida, que encerra os restos de nossos grandes homens, guarda também as glórias da pátria: entretanto eles aí jazem no esquecimento, e a geração presente renega o culto do passado para incensar os ídolos do dia! Desde a Independência até hoje há mais de um exemplo eloqüente para atestar a grandeza histórica de nossos maiores, José Bonifácio, Martim Francisco, José Bonifácio, Antônio Carlos, Feijó, Paula Sousa, Alves Branco, são nomes que simbolizam épocas, e hão de representar com honra o Brasil de hoje perante as gerações futuras (SISSON, 1999, v. 2, p. 23)

Enfim, galeria de narrativas responsáveis pela exposição de “vultos de nação” através da *escrita da vida* de “heróis nacionais”, a obra de Sisson pode ser compreendida, ao que nos parece, como uma produção que, dentre outros usos possíveis, tinha como principal intuito despertar admiração por seus varões eleitos, isto em ambiências de vigência da ordem monárquica.

Através “*da pena*” do biógrafo, os “homens de exceção” do Brasil, após uma seleção meritocrática, puderam ser salvos do olvido do passado, sendo suas vidas narradas em glórias e suas ações interpretadas como símbolos de conduta por seus compatriotas.

Para além da escolha de quem não deveria ser esquecido, colocava-se a dimensão de como deveriam ser lembrados, em um jogo metonímico em que a parte, leia-se o indivíduo, pudesse ser o todo, naqueles termos, a sociedade nacional. Tais ilustres são, assim, convertidos em “atores históricos” inscritos, portanto, no relato da construção de uma história e de uma memória nacional.

Tabela 1 - Informações básicas acerca dos biografados da Galeria dos Brasileiros Ilustres

Nome / Titulação	Local de Nascimento	Nascimento/ Morte	Formação Acadêmica	Principal Área de Atuação
Honório Hermeto Carneiro Leão (Marquês do Paraná)	Minas Gerais	1801 / 1856	Coimbra	Política
Eusébio de Queirós Coutinho Matoso	São Paulo	1812	Coimbra	Política
Irineu Evangelista de Sousa (Barão de Mauá)	Rio Grande do Sul	1813	-----	Comerciante
José Clemente Pereira	Portugal	1767	Coimbra	Militar
José Soares de Sousa (Visconde de Uruguai)	Paris	1807	Coimbra/Academia de Direito de São Paulo	Diplomata
Antonio Paulino Limpo de Abreu (Visconde de Abaeté)	Portugal	1798	Coimbra	Política
Pedro de Araújo Lima (Marquês de Olinda)	Pernambuco	1787	Coimbra	Política
Joaquim José Rodrigues Torres (Visconde de Itaboraí)	Rio de Janeiro	1802	-----	Política
José da Costa Carvalho (Marquês de Monte Alegre)	Bahia	1796	Coimbra	Política
Luis Alves de Lima e Silva (Tenente-General Marquês de Caxias)	Rio de Janeiro	1803	-----	Militar
Bernardo de Sousa Franco	Pará	1805	Olinda	Política
Cândido Batista de Oliveira	Rio Grande do Sul	1801	Coimbra	Política
Miguel Calmon Du Pin e Almeida (Marquês de Abrantes)	Bahia	1796	Coimbra	Política
Manuel do Monte R de Araújo (Bispo Conde de Irajá)	Pernambuco	1798	Olinda	Religioso
Bernardo de Sousa Franco	Pará	1805	Olinda	Política
Cândido Batista de Oliveira	Rio Grande do Sul	1801	Coimbra	Política
Estevão Ribeiro de Resende (Marquês de Valença)	Minas Gerais	1777 / 1856	Olinda	Política
Caetano Maria Lopes Gama (Marquês de Maranguape)	Pernambuco	-----	Olinda	Política

Tabela 1 - Informações básicas acerca dos biografados da Galeria dos Brasileiros Ilustres

Nome / Titulação	Local de Nascimento	Nascimento/ Morte	Formação Acadêmica	Principal Área de Atuação
Cândido José de Araújo Viana (Visconde de Sapucaí)	Minas Gerais	1793	Olinda	Política
José da Silva Lisboa (Visconde de Cairu)	Bahia	1756 / 1835	Olinda	Política
José Bonifácio de Andrada e Silva	Santos	1763 / 1838	Coimbra	Política
Manuel Alves Branco (Visconde de Caravelas)	Bahia	1797 / 1855	Coimbra	Política
D. Pedro II	-----	-----	-----	Política
Luis Pedreira do Couto Ferraz	Rio de Janeiro	1818	-----	Política
José Maria da Silva Paranhos	Bahia	1819	Academia de Marinha do RJ	Política
Gabriel José Rodrigues dos Santos	São Paulo	1816 / 1858	Academia de São Paulo	Política
Domingos R dos Guimarães Peixoto (Barão de Iguaçu)	Pernambuco	1790 / 1846	Escola Cirúrgica do Rio de Janeiro	Médico
Manuel Jacinto Nogueira da Gama (Marquês de Baependi)	Minas Gerais	1765 / 1847	Coimbra	Política
José Martiniano de Alencar	-----	-----	-----	Política
Evaristo Ferreira da Veiga	Rio de Janeiro	1799 / 1837	-----	Jornalista
Antonio Carlos Ribeiro de Andrada	Santos	1773 / 1845	Coimbra	Política
João da Silva Carrão	Curitiba	1814	Coimbra	Jornalista
D. Romualdo Antonio de Seixas (Conde de Santa Cruz)	Pará	1787	Congregação de São Felipe Néri	Religioso
Fr. Francisco do Monte Alverne	Rio de Janeiro	1784 / 1858	Colégio São Paulo	Religioso
Jerônimo Francisco Coelho	Santa Catarina	1806	Academia Militar	Militar
Francisco de Lima e Silva	Rio de Janeiro	1785 / 1853	-----	Militar
João Pereira Darrigue Faro (Visconde do Rio Bonito)	Rio de Janeiro	1803 / 1856	Comércio	Militar
Nicolau P de Campos Vergueiro	Portugal	1778	Coimbra	Política
Bernardo Pereira de	Minas Gerais	1795 / 1850	Coimbra	Política

Tabela 1 - Informações básicas acerca dos biografados da Galeria dos Brasileiros Ilustres

Nome / Titulação	Local de Nascimento	Nascimento/ Morte	Formação Acadêmica	Principal Área de Atuação
Vasconcelos				
Francisco Diogo P de Vasconcelos	Minas Gerais	1812	Academia Jurídica – SP	Política
Sergio Teixeira de Macedo	Rio de Janeiro	1809	Olinda	Diplomata
Manuel Felizardo de Sousa e Melo	Rio de Janeiro	1805	-----	Militar
José Tomas Nabuco de Araújo	Bahia	1813	Olinda	Política
Januário da Cunha Barbosa	Rio de Janeiro	1780 / 1846	-----	Religioso
Francisco Vilela Barbosa (Marquês de Paranaguá)	Rio de Janeiro	1772 / 1846	Coimbra	Política
Frei Antonio de Arrábida (Bispo de Anemúria)	Portugal	1771 / 1850	-----	Religioso
D. Teresa Cristina Maria (Imperatriz do Brasil)	Espanha	1822	-----	Política
Pedro de Alcântara Bellegarde	-----	1807	Escola Militar	Política
Martin Francisco R de Andrada	Santos	1776 / 1844	Coimbra	Letras
Inácio Marcondes de Oliveira Cabral	-----	1783	-----	Religioso
D. Pedro I (Imperador do Brasil)	Londres	1798 / 1834	-----	Política
João Crisóstomo Calado	Portugal	1780 / 1857	-----	Militar
Antonio Luis Pereira da Cunha (Marquês de Inhambupe)	Bahia	1760 / 1837	-----	Política
José Antonio Saraiva	Bahia	1823	Academia de São Paulo	Política
Felisberto Caldeira Brant (Marquês de Barbacena)	Minas Gerais	1772 / 1841	Academia da Marinha de Lisboa	Política
Francisco José de S.S. Andréia (Barão de Caçapava)	Portugal	1771 / 1858	-----	Militar
Joaquim J. Pinheiro de Vasconcelos	Bahia	1788	-----	Política
Sebastião do Rego Barros	Pernambuco	1803	Gottigem - Alemanha	Militar

Tabela 1 - Informações básicas acerca dos biografados da Galeria dos Brasileiros Ilustres

Nome / Titulação	Local de Nascimento	Nascimento/ Morte	Formação Acadêmica	Principal Área de Atuação
Miguel de Frias e Vasconcelos	-----	1805 / 1859	Escola Militar	Militar
Francisco Jê Acaiaba de Montezuma (Visconde de Jequitinhonha)	Bahia	1794	Coimbra	Política
João Paulo dos Santos Barreto	Rio de Janeiro	1788	-----	Militar
José Joaquim Carneiro de Campos (Marquês de Caravelas)	Bahia	1768 / 1836	Coimbra	Política
João Vieira de Carvalho (Marquês de Lajes)	Portugal	1781 / 1847	Colégio dos Nobres	Militar
Mariano José Pereira da Fonseca (Marquês de Maricá)	Rio de Janeiro	1773 / 1848	-----	Política
D. Isabel e D. Leopoldina (As Princesas Imperiais)	-----	-----	-----	Política
José Feliciano F. Pinheiro (Visconde de S. Leopoldo)	Santos	1774 / 1847	Coimbra	Política
Rafael Tobias de Aguiar	São Paulo	1795 / 1857	-----	Política
Manoel Vieira Tosta (Barão de Muritiba)	Bahia	1807	São Paulo	Política
Pedro Ferreira de Oliveira	Rio de Janeiro	1801 / 1860	Academia da Marinha	Militar
João Manuel Pereira da Silva	Rio de Janeiro	1818	Paris	Letras
José Joaquim da Rocha	Minas Gerais	1777 / 1848	-----	Política
Francisco de Assis Mascarenhas (Marquês de S. João de Palmas)	Portugal	1779 / 1843	Coimbra	Política
José Inácio Silveira da Mota	Goiás	1811	São Paulo	Advogado
Alexandre Joaquim	Rio de Janeiro	1814	São Paulo	Política
José Maria da Silva Bitancourt	-----	1795	Escola Militar	Militar
Francisco Gomes de Campos	Rio de Janeiro	1788	Coimbra	Política
Joaquim Marcelino	Bahia	1799	Coimbra	Política
Diogo Antonio Feijó	São Paulo	1784 / 1843	-----	Religioso
José Antonio Marinho	Minas Gerais	1803 / 1853	-----	Política
Ângelo Moniz da Silva	Bahia	1812	Coimbra	Política

Tabela 1 - Informações básicas acerca dos biografados da Galeria dos Brasileiros Ilustres

Nome / Titulação	Local de Nascimento	Nascimento/ Morte	Formação Acadêmica	Principal Área de Atuação
Ferraz				
Francisco de Paula Sousa e Melo	São Paulo	1791 / 1852	-----	Política
José Joaquim Coelho (Barão de Vitória)	Portugal	1797 / 1860	-----	Militar
Joaquim José Inácio	Portugal	1808	Academia da Marinha	Militar
Manuel da Fonseca Lima e Silva (Barão de Suruí)	Rio de Janeiro	1793	Academia Real Militar	Militar
Domingos Borges de Barros	Bahia	1780 / 1855	Coimbra	Letras
D. Manuel de Assis Mascarenhas	Goiás	1806	Coimbra	Diplomata
José Bento Leite Ferreira de Melo	Minas Gerais	1785 / 1844	-----	Religioso
Teófilo Benedito Otoni	Minas Gerais	1807	Academia da Marinha	Jornalista
D. Manuel Joaquim da Silveira	Rio de Janeiro	1807	-----	Religioso
Francisco de Paula Negreiro Saião Lobato	Rio de Janeiro	1815	Olinda e São Paulo	Política
Aureliano de S. e Oliveira Coutinho (Visconde de Sepetiba)	Rio de Janeiro	1800 / 1855	Coimbra	Política

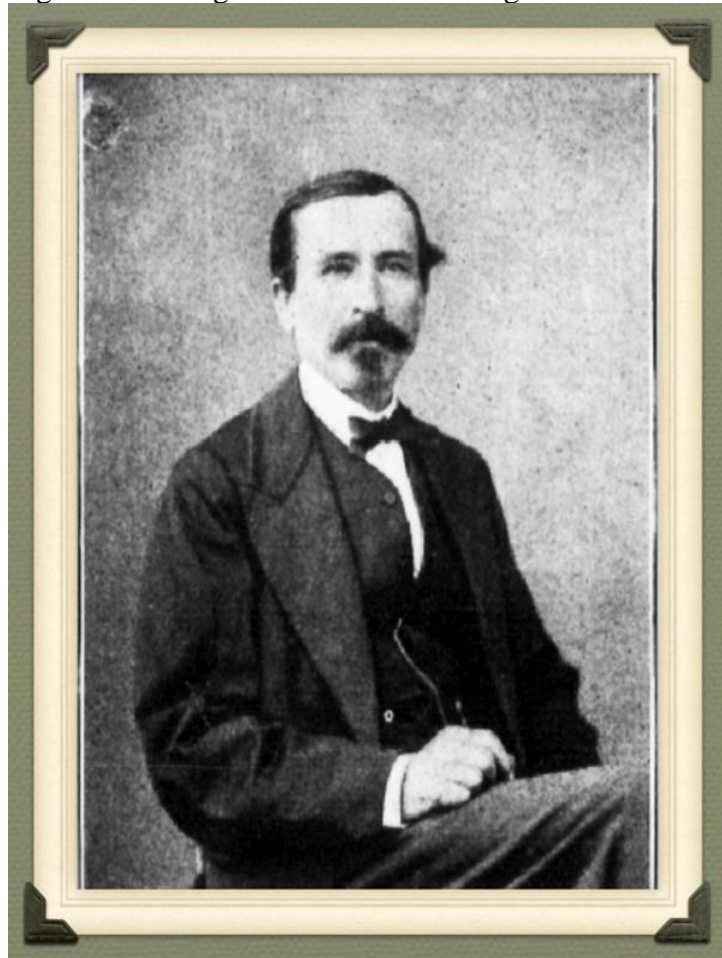
Fonte: Informações retiradas das próprias biografias, referentes ao ano de 1861, momento de finalização da edição da Galeria dos Brasileiros Ilustres.

3 A GALERIA SENDO VISITADA

3.1 Biografando o biógrafo

Natural da cidade de Issenheim, região francesa localizada na Alsácia, fronteira do país com a Alemanha e Suíça, Sebastião Augusto Sisson nasceu ao dois de maio de 1824. Tempos depois, ainda residente em sua cidade natal, casou-se com a também francesa Justina Fäller, relação esta que futuramente daria origem aos seus três filhos, Augusto Maria Sisson, Henrique Eugênio Sisson e Maria Adelia Sisson Bevilacqua, todos brasileiros.

Figura 18 - Litografia de Sébastien Auguste Sisson



Fonte: FAMÍLIA..., [18--].

Em sua maturidade, passou a residir em Paris, aonde desenvolveu estudos sobre litografia, caricaturas e desenhos em geral, especializando-se a ponto de tornar tais atividades seu ofício. Discípulo de um dos mais importantes litógrafos parisienses do *oitocentos*, Joseph-Rose Lemercier, Sisson teve em sua litografia seu primeiro local de trabalho (DORIA, 1935).

Figura 19 - Litografia de Lemercier em Paris



Fonte: FAMÍLIA..., [18--].

Em 1852, aos vinte e oito anos, Sisson atravessou o Atlântico e migrou definitivamente para o Brasil, mais precisamente para o Rio de Janeiro, cidade na qual residiu até seu falecimento, ocorrido ao oito de fevereiro de 1898. Em terras cariocas, o litógrafo francês constituiu seu ateliê no centro da cidade. Inicialmente localizado ao número trinta e quatro da Rua da Assembléia, Sisson situou posteriormente sua Litografia em outros endereços. À Rua dos Ourives, número vinte e sete²⁹, seu estabelecimento já gozava de grande notoriedade, status evidenciado pela titulação “Litografia Imperial” que acompanhava seu anúncio no igualmente evidente *Almanak Laemmert*.

²⁹ MENEZES, Paulo Roberto de Jesus. *Sociedade, Imagem e Biografia na Litografia de Sebastião Sisson*. 2008. 116 f. Dissertação (Mestrado em História Social) – Faculdade de História, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

Figura 20 - Anúncio da Litografia de Sisson no Almanaque Laemmert no anuário de 1877

ARTES, OFFICIOS, ETC.	:75
Officinas de Lithographia. (698)	
A. de Pinto, luleira do Seminário, 40.	
Agostinho Vieira do Couto, largo de S. Francisco de Paula, 1.	
Almeida Marques & C., socios Manoel de Almeida Marques e Francisco Soares de Castro, r. Nova do Ouvidor, 33.	
Angelo & Robín, r. da Assemblia, 44. (A vapor.)	
Antonio Justiniano Esteves Junior, r. do Hospicio, 83.	
Antonio de Souza Lobo, r. do Proposito, 50, Sonda.	
C. Leopoldo Heck, r. dos Ourives, 111.	
Carlos Severiano Cavalhier Barbilly, r. Sete de Setembro, 144, loja. (Vide art. 550.)	
Christovão Manoel do Amaral Vasconcellos, r. Nova do Ouvidor, 6.	
Dias da Silva Junior, r. de Theophilo Ottoni, 135 e 145.	
Domingos Luiz dos Santos, r. de S. José, 44.	
Eduardo Hensburg (Lithographia da Casa Imperial), r. de S. Antonio, 20.	
Fleiss (Henrique), @ 2 (Imperial Instituto Artístico), r. da Ajuda, chacara da Floresta: reside r. do Cosme Velho, 46 e 48.	
G. Leminger & Filhos. r. do Ouvidor, 31 e 36, e r. Sete de Setembro, 35. (Vide art. 550.)	
Guilherme Kramer, travessa de S. Francisco de Paula, 9.	
Hippolyto José Pinto & C., r. do Hospicio, 218. (Vide <i>Notabilidades</i> , pag. 65.)	
João Teixeira de Carvalho, # 3 de P., travessa de S. Francisco de Paula, 3 A.	
Lourenço Winter, r. do Hospicio, 77. (E autographia.)	
Ludwig, Briggs & C., Lithographia do Commercio. r. dos Ourives, 128.	
Machado & C., socin Manoel Joaquim Machado, r. de Gonçalves Dias, 28.	
Manoel Antonio Gonçalves de Mello. r. Sete de Setembro, 12.	
Moreira, Maximino & C., r. da Quitanda, 111 e 120 A. (Vide <i>Notabilidades</i> , pag. 64.)	
Pereira Braga & C., r. Nova do Ouvidor. 25 e 27.	
Pinheiro & C., r. Sete de Setembro, 157.	
S. A. Sisson, r. dos Ourives, 27. (Lithographia Imperial.)	

Fonte: http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_periodicos/almanak/djvu/1877/1877.djvu

Para além da *Galeria dos Brasileiros Ilustres*, Sebastião Sisson produziu outras obras que apresentavam relevante circulação na sociedade brasileira da época, destacadamente o seu “*Álbum do Rio de Janeiro Moderno*”, constituído por doze cromolitografias, litografias impressas em cores (PONTUAL, 1969).

Figura 21 - Cromolitografia presente no Álbum do Rio de Janeiro Moderno



Fonte: FAMÍLIA..., [18--].

Sebastião Augusto Sisson teria sido ainda o autor da primeira história em quadrinhos produzida em terras brasileiras, sendo editada com o título de “*O Namoro, quadros ao vivo, por S... o Ciº*”, noticiada no ano de 1855. Sua essência seria a sátira acerca dos costumes sociais inerentes à realidade brasileira de meados do século XIX:

[...] a melhor contribuição de Sisson a nossa incipiente caricatura é sem dúvida a página dupla central do numero 15 de outubro do mesmo ano de 1855, dedicada ao Namoro, Quadros ao Vivo, por S... o Ciº. Trata-se evidentemente da primeira história em quadrinhos aparecida no Brasil e mostra, em deliciosas cenas cheias de graça e pitoresco, as diversas fases do namoro no Rio daqueles tempos recuado (LIMA, 1963).

No ano de 1876, aos cinquenta e dois anos, Sisson encerrou as atividades de seu ateliê, não havendo a partir de então registros de produções suas. Tempos depois, mais exatamente em maio de 1882 o governo de D. Pedro II o condecorou como *Cavaleiro da Imperial Ordem da Rosa do Brasil*, em retribuição aos serviços gratuitos anteriormente prestados pelo litógrafo à Biblioteca Nacional na restauração de imagens danificadas (SEGALA, 1998).

Ao que tudo indica, Sebastião Augusto Sisson desenvolveu uma teia de relações sociais que claramente o dignificaram como um litógrafo de grande relevância dentro da sociedade imperial brasileira. Para além das condecorações recebidas e da titulação imperial

de sua litografia, sua obra maior, a *Galeria dos Brasileiros Ilustres*, foi editada sob a “proteção do Imperador”, venturas que certamente não seriam alcançadas por “homens comuns”.

Defensor incondicional do governo imperial brasileiro em sua *Galeria*, Sebastião Sisson sofreu alguns revezes em sua bandeira a partir de alguns de seus herdeiros. Augusto Maria Sisson, seu primogênito, general do exército brasileiro, ainda quando capitão, participou da Revolução Federalista de 1894 que, ocorrida no Paraná, mostrou-se como um importante evento no processo de consolidação do ainda recente governo republicano, ao derrotar os revolucionários oriundos do Rio Grande do Sul.

Roberto Henrique Faller Sisson, neto de Sebastião Augusto Sisson, distanciou-se ainda mais das tendências políticas de seu avô monarquista. Militar e político brasileiro de alguma desenvoltura ao longo da década de 1930, integrou a Aliança Nacional Libertadora, grupo de tendência comunista liderado por Luis Carlos Prestes. Acerca das motivações e objetivos da Intentona Comunista, movimento formatado pela ANL ocorrido em 1935 contra o governo do então presidente Getúlio Vargas, Roberto Sisson escreveu as seguintes palavras:

O terror policial contra os militantes da ANL, [...] a baixa dos efetivos militares, com o reforço das polícias estaduais fascistas com a ajuda dos integralistas, o auxílio às empresas imperialistas, com o adiamento sine die da reconstitucionalização nacional – foi o que levou à radicalização da ANL e a que muitos aderissem espontaneamente e sem a devida preparação à revolução de 1935. [...] Essa revolução foi espontânea, prestista, militar, nacional-libertadora e portanto antiimperialista, antiintegralista, a favor da industrialização do país e pela democratização e eficiência do Exército Nacional (SISSON, 1939. p. 22-23).

Não obstante tais divergências, o patriarca da família Sisson no Brasil, Sebastião Augusto advogava veemente a consolidação da ordem monárquica quando esta ainda se fazia presente em terras brasileiras. Seja por convicções políticas, seja por interesses outros, a *Galeria dos Brasileiros Ilustres*, produzida sob a proteção do imperador D. Pedro II, mostrava-se, assim, como o maior dos esforços realizados pelo litógrafo em favor de tal defesa.

3.2 Estrangeiros brasileiros

Foi levado por estas considerações e pelo suave empenho de demonstrar de algum modo o nosso reconhecimento à hospitalidade amiga e generosa que viemos encontrar no seio do Império do Brasil, que empreendemos e tomamos sobre os ombros a difícil e trabalhosa tarefa da obra a que damos o título de *Galeria dos Brasileiros Ilustres* (SISSON, 1939. p. 14).

A vinda de Sebastião Augusto Sisson, litógrafo formado em Paris, para o Rio de Janeiro pode ser explicado por seu interesse no então crescente mercado litográfico brasileiro, latente nos mais diversos grupos sociais, da “elite” aos setores mais populares:

Consolidar a identidade de uma elite passava pelo importante ‘mercado prestigioso de aparências’. Assim, é que podemos entender a repercussão de iniciativas como a de S. A. Sisson que atuavam no âmbito de uma nova cultura no Brasil. [...] O mercado de imagens era outro meio a propiciar novos sentidos para uma sociedade em sua maioria analfabeta (MENEZES, 2008, p. 75).

Sua origem estrangeira, entretanto, não parece ter sido empecilho ao patriotismo exaltado em sua *Galeria em favor do Brasil*, “*portentoso país que Deus acumulou de favores e riquezas, e a quem deu filhos tão dignos e cidadãos tão dedicados*” (SISSON, 1939, p. 16). Notamos-se, assim, que o local de nascimento não se mostrava como condição primeira tanto para definir pertencimentos à comunidade nacional, quanto para se fazer presente na obra de Sisson, ele mesmo um estrangeiro. Os feitos destes grandes homens, ao beneficiarem a nação brasileira, faziam com que o “país e sua gente” os acolhessem de forma amistosa e generosa, tomando-os como “legítimos filhos da pátria Brasil”.³⁰

É o caso, por exemplo, do Frei Antônio de Arrábida, o Bispo de Anemúria, e de José Clemente Pereira que, nascidos respectivamente na cidade portuguesa de Lisboa e no bispado lusitano de Pinhel, tornaram-se “verdadeiros brasileiros” em decorrência de suas ações em prol da soberania nacional:

Fr. Antônio era tão brasileiro, que acusado, logo depois da nossa independência, por uma alta personagem do velho mundo, por não ter cooperado para a conciliação dos dois países irmãos, o que dizia ela, teria sido fácil, mas antes concorrido, talvez, para a sua emancipação, respondeu-lhe nestes termos: SE a boa-fé presidia às suas deliberações, às das Cortes, se os seus intentos não eram escravizar, por que razão lhe tem custado tanto a ajustar os projetos emitidos pelas comissões? Por que razão nada do que parece favorecer o Brasil diretamente lhe agrada? [...] É assim que irmãos se ajustam? (SISSON, 1939, p. 16)

José Clemente deixa a Europa em 1815 e vem para o Brasil começar uma nova carreira, em que tantos louros e tanta glória o esperavam. [...] Foi um dos mais ardentes corifeus da causa santa e gloriosa [que foi a Independência] [...] Este grande homem, esse grande vulto duplamente amado e respeitado dos brasileiros (SISSON, 1939, p. 43-45).

³⁰ Dos noventa biografados, treze eram estrangeiros.

Figura 22 - Litografia do Frei Antônio de Arrábid



Fonte: SISSON, 1999, p. 453

Figura 23 - Litografia de José Clemente a Pereira



Fonte: SISSON, 1999, p. 39

Sob a lógica dos estrangeiros convertidos em brasileiros patriotas, a própria herança portuguesa configura-se em questão minimamente bem resolvida na *Galeria*. Um em cada nove biografados nasceu em Portugal, sendo portugueses dez dos treze estrangeiros homenageados. A somar, pelo menos a metade dos brasileiros noticiados fincou raízes em terras lusitanas, notadamente acadêmicas, graças à proeminência da Universidade de

Coimbra³¹, instituição formadora de importantes personagens do Império do Brasil, tais como o senador Cândido Batista de Oliveira e Francisco Gomes de Campos, o Barão de Campo Grande.

Figura 24 - Litografia do Marquês de Paranaguá



Fonte: SISSON, 1999, p. 443

Figura 25 - Litografia do Barão de Campo Grande



Fonte: SISSON, 1999, p. 315

Neste sentido, não obstante as críticas feitas por Sisson em relação ao período colonial, identificado como um momento de atraso ao desenvolvimento brasileiro, o próprio

³¹ Dos sessenta e um biografados com formação acadêmica, vinte e sete a obtiveram em terras portuguesas, sendo vinte e seis em Coimbra.

autor adverte que “[Embora a obra busque] desenhar as principais figuras que têm deixado vestígios de sua passagem neste país e em sua cena política desde a Independência até os nossos dias, [sabemos] o quanto se enriqueceria a nossa galeria com um grande número de varões ilustres, que se assinalaram nos séculos anteriores, e ainda nos primeiros anos do atual” (SISSON, 1999, p. 14-15).

Ainda em relação ao local de nascimento, o caráter político dos homenageados mais uma vez vem à tona: Bahia e Rio de Janeiro são as províncias que juntas representam maioria relevante da origem e local de residência dos biografados, evidenciando a centralidade política da ex-capital Salvador e da cidade do Rio de Janeiro, então capital federal³². Merecem ainda algum destaque os naturais de São Paulo, Pernambuco e Minas Gerais, regiões importantes no cenário econômico-administrativo e acadêmico – notadamente por Olinda e pela cidade de São Paulo – do Brasil Imperial.

Deste modo, independente do local de nascimento, os biografados de Sisson eram laureados como patriotas exemplares a partir de seus atos, favoráveis ao fortalecimento da nação monárquica brasileira. No caso específico dos estrangeiros, a “dupla cidadania” era justificada através de seus esforços em prol da nova pátria, notificados e vangloriados nas páginas da *Galeria*, que os convertem em “*Brasileiros Ilustres*”.

3.3 Galerias, patronos e visitantes

Começando porém da época da Independência do Brasil, nós partimos do berço do Império, começamos a nossa marcha ao grito do Ipiranga, e contemplamos ainda vivos muitos dos ilustres cidadãos, que devem enriquecer a nossa galeria, ou sentimos ainda frescas e recentes as recordações daqueles que já desceram ao túmulo (SISSON, 1999, p. 14).

Apostando na contemporaneidade de seus biografados como aspecto facilitador aos seus intentos pedagógicos – o ato de mirar-se em ilustres do seu tempo ou de tempos recentes seria tarefa mais aprazível aos homens dada a proximidade de tais referências – Sebastião Augusto Sisson elege o momento da independência do Brasil como marco inicial às homenagens que constituem sua *Galeria dos Brasileiros Ilustres*. O recorte espaço-temporal contemplado pelo autor na elaboração de sua obra é enunciada já em seu subtítulo: “Os Contemporâneos. Retratos dos homens mais ilustres do Brasil, na política, ciências e letras desde a guerra da independência até os nossos dias”.

³² Dos noventa biografados, trinta e cinco eram cariocas ou soteropolitanos.

Para além deste incentivo, a escolha de Sisson parece ter sido igualmente motivada por ser o ano de 1822 o “berço do Império”, quando o Brasil, agora emancipado, opta pela monarquia como sistema de governo, alternativa enaltecida pelo autor ao longo das páginas de sua obra.

Aliás, elaborada a partir de elevados custos editoriais, a *Galeria* certamente possuía seus mecenas. Talvez o mais importante deles tenha sido o próprio Imperador, que segundo Sisson, recebeu com bom grado a *Galeria*:

Podemos ufanar-nos de que o nosso empenho fosse bem recebido e acoroçado pelos brasileiros, e muito nos honra a distinção com que Sua Majestade o Imperador o Senhor D. Pedro II se dignou de tomar debaixo de sua imediata proteção especial a Galeria dos Brasileiros Ilustres. [...] Animados por este majestoso incentivo, e certos da continuação do favor do público, a nossa obra progredirá esperançosa e constantemente dirigida pelo mesmo pensamento (SISSON, 1939, p. 15).

Deste modo, seja por predileção política, seja por interesses econômicos, parece não haver na *Galeria* maiores espaços para críticos ao monarquismo e, especialmente, ao governo de D. Pedro II, adjetivado como extremamente benéfico ao crescimento do país e a todos aqueles que, vinculados aos mais diversos ofícios, contribuíssem ao seu desenvolvimento:

É uma glória imensa para o Brasil, e que a posteridade aquilatará devidamente, o fato de se sentir sempre a influência benéfica e protetora do imperador, onde quer que se trate de dar impulso às ciências, às letras, às artes e à indústria no seio do país cujos destinos lhe foram confiados pela Providência. (SISSON, 1939, p. 15)

Na defesa do governo Imperial, os biografados da *Galeria* são figurados como *heróis*, indivíduos que, por seus bons feitos, perfeitamente adequados aos valores e códigos sociais, são tomados como exemplos a serem seguidos tanto por seus contemporâneos, quanto pela posteridade.

Este modelo de virtuose do *herói* veio a ser utilizado por diversos dirigentes e letrados ao longo da vigência do Estado Imperial brasileiro, interessados na elaboração de discursos e narrativas que pudessem veicular valores e práticas de um certo imaginário nacional garantidor, entre outros aspectos, do caráter unitarista e centralizador do regime monárquico então instaurado.

Deste modo, não obstante o esforço romântico de buscar entender o sujeito em sua singularidade, “[...] valorizando o indivíduo naquilo que o distingue do outro” (GUINSBURG; ROSENFELD, 2005. p. 262-263), o século XIX foi palco do florescimento de análises sócio-históricas que tomaram o indivíduo somente enquanto uma pequena parte do todo. No caso destes autores que escreveram biografias pedagógicas e ufanistas no período imperial brasileiro, seus protagonistas, se tinham validade, em geral era por terem realizado ações que se configuravam em pilares forjadores de um Nação ainda em formação.

Como já argumentamos anteriormente, entre os sócios do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, João Manuel Pereira da Silva, um dos biografados de Sisson, dedicou-se à escrita do *Plutarco Brasileiro*, obra biográfica que constrói a história nacional a partir dos feitos de seus homens mais ilustres. Tal produção é, evidentemente, lembrada em sua biografia na *Galeria dos Brasileiros Ilustres*.

Sobre a primeira edição do trabalho de Pereira da Silva, somente um breve e não muito otimista apontamento é realizado: “Em 1847 imprimiu sobre o título de *Plutarco Brasileiro*, em 2 volumes em 8º francês, uma coleção de biografias e críticas, que teve aceitação, apesar de muitos defeitos que se lhe notavam” (SISSON, 1999, v. 2, p. 274), notadamente sua desorganização cronológica.

Com o objetivo de corrigir esta falta, em sua segunda versão, Pereira da Silva ordena a sua galeria de varões ilustres, começando no século XVI e terminando no final do XVIII. Tal publicação, intitulada *Varões ilustres do Brasil durante os tempos coloniais*, ganha então grande notoriedade, tanto na Europa, espaço de sua edição inicial, quanto no Brasil, onde causa, inclusive, boas repercussões políticas:

Outra publicação, que fez na Europa, foi a obra *Varões ilustres do Brasil durante os tempos coloniais*, em 2 volumes em 8º francês. É a recompilação dos trabalhos históricos e literários do autor sobre o Brasil. Acrescentou-lhe grande massa de novidade, e formou um livro, que teve traduções parciais em revistas francesas, e foi elogiado pelos jornais e revistas francesas, inglesas, alemãs e italianas, e por conhecidos e abalizados escritores. Estas publicações causaram no Brasil agradável sensação. Muitos adversários políticos seus mudaram seus ressentimentos em estima. Quando João Manuel Pereira da Silva chegou ao Rio de Janeiro, de volta de sua excursão, achou-se membro da assembléia provincial do Rio de Janeiro e presidente por unanimidade de votos (SISSON, 1999, v. 2, p. 276).

Figura 26 - Litografia de João Manuel Pereira da Silva



Fonte: SISSON, 1999, v. 2, p. 271

Tal qual João Manuel Pereira da Silva, outros tantos membros do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro são homenageados na *Galeria*.³³ As referências ao Instituto, sempre enaltecidas, evidenciam sua importância à época não apenas nos meios acadêmicos, científicos e literários, mas também nas relações políticas.

Assim como o próprio João Manuel, muitos destes homenageados acumulavam posições políticas com sua presença no IHGB. Tal qual o Instituto, então “*debaixo da imediata proteção de Sua Majestade Imperial*” (GUIMARÃES, 1995), tais ilustres apresentavam igualmente boas relações e ocupavam posições de confiança na burocracia governamental monárquica brasileira. Enquanto Pereira da Silva, condecorado com a “*munificência imperial a grande dignatária da Ordem da Rosa*” (SISSON, 1999 ,p. 274), integrava o Ministério do Império como consultor, os também integrantes do IHGB Cândido Batista de Oliveira e Domingo Borges de Barros, o visconde de Pedra Branca, mostravam-se fundamentais ao governo de D. Pedro II:

Além das funções de senador do Império, ocupa atualmente o conselheiro Batista de Oliveira o lugar de diretor do Jardim Botânico da Lagoa Rodrigo de Freitas, para que fora nomeado no ano de 1851. Pelo que respeita a distinções honoríficas, teve o Senador Batista de Oliveira o título de conselheiro no ano de 1832, que a lei anexara ao exercício das funções de inspetor geral do Tesouro Nacional. [...] E ultimamente fez-lhe Sua Majestade o Imperador a graça de o nomear velador de Sua Majestade a Imperatriz (SISSON, 1999, 130).

[O Visconde de Pedra Branca] foi deputado, senador do império, velador de SS. AA. Imperais, visconde de Pedra Branca, ex-ministro em Paris, grã-cruz da imperial Ordem de Cristo, comendador da mesma ordem, dignatário da Ordem da Rosa, membro de diversas sociedades científicas e literárias de Paris, membro do Instituto Histórico Brasileiro, etc. Foi um grande vulto, e como tal é digno de figurar na galeria dos contemporâneos (SISSON, 1999, 410).

Figura 27 - Litografia de Domingos Borges de Barros



Fonte: (SISSON, 1999, 450).

³³ “*Em torno de 30% são membros do IHGB*”. (CEZAR, 2003. p. 84).

Possivelmente interessado na maior divulgação de sua obra, Sebastião Augusto Sisson apresenta a *Galeria dos Brasileiros Ilustres* ao Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro no ano de 1859. Por conta de suas importantes contribuições à história do Brasil, a obra é bem aceita pelo Instituto – acolhimento certamente influenciado pela já mencionada presença de muitos de seus integrantes entre os biografados de Sisson³⁴ – não obstante críticas decorrentes de uma alegada falta de rigor na elaboração das biografias:

Com igual prazer acolheu o Instituto a remessa que lhe fez o Sr. Sisson da importantíssima obra de que é editor. Se a Galeria dos Brasileiros Ilustres não pode ser ainda a biografia severa e desapaixonada que deve um dia julgar os protagonistas do nosso grande drama político, nem por isso é menos curiosa, nem exíguo serviço presta à história, arrancando do esquecimento muitos fatos que de balde um dia com afã se buscariam, refletindo em suas páginas as várias cores da atualidade (PINHEIRO, 1859).

Outros meios de divulgação foram utilizados por Sisson na tentativa de evidenciar sua obra, destacadamente anúncios em periódicos de grande circulação da época, como o *Jornal do Comércio* – no qual consta, inclusive, anúncios voltados à divulgação da obra para o público francês (MENEZES, 2008, p. 93) - bem como panfletos e outras publicações.

Em anúncio divulgado no ano de 1859, o primeiro volume da *Galeria* é apresentado ao público como uma obra que, “*publicada sob a proteção de S. M. o Imperador*”, coloca-se como tributária ao compromisso que, ratificado na introdução do mesmo volume, consistia em salvar do esquecimento as vidas de “*varões de que se ufana o país*”.

³⁴ Analisaremos adiante a hipótese de dois integrantes do IHGB, Manuel de Araújo Porto Alegre e Joaquim Caetano Fernandes Pinheiro, serem, inclusive, autores de algumas das biografias que compõem a *Galeria dos Brasileiros Ilustres*.

Figura 28 - Anúncio publicado em 1859 apresentando o 1º volume da Galeria dos Brasileiros Ilustres

OBRA NACIONAL.

GALERIA

DOS BRAZILEIROS ILLUSTRES.

(OS CONTEMPORANEOS)

EDITOR S. A. SISSON, RUA DOS OURIVES N. 53,

PUBLICADA SOB A PROTECCÃO DE

S. M. O IMPERADOR

S. A. SISSON, editor da Galeria dos Brasileiros Ilustres, oferece ao respeitável publico o 1º volume ora concluido de sua obra. A vista delle todos poderão julgar a respeito da natureza desta publicação como do modo por que o editor deu execução ao seu programma.

Na introdução se acha mais largamente desenvolvido o pensamento de que nasceu esta obra monumental que reúne em si os fiéis retratos e as biographias dos principaes personagens que apparecerão na scena politica do Brazil.

Julgariamos offender o bom senso de um publico illustrado, se quizessemos demonstrar longamente a importancia de uma publicação tendente a pagar um justo tributo de reconhecimento a varões de que se ufana o paiz que lhes deu o ser, e a passar a sua memoria á posteridade.

A nação honrando-os se honra a si mesma, e não poderá deixar de concorrer para uma obra que, encerrando materias preciosas para a historia patria contemporanea na chronica pessoal dos vultos máis salientes da nossa época, os transmite aos vindouros, ao passo que excita na mocidade sentimentos da máis nobre emulação.

Quanto á parte litteraria, as biographias sahirão da penna dos escriptores máis illustres e predilectos do publico.

A parte artistica (os retratos) forão todos desenhados e lithographados com o maior esmero por S. A. Sisson, que teve a satisfação de os ver perfeitamente acolhidos.

O editor, no intuito de facilitar a aquisição, lançou mão de um meio que a torna mais suave até para modestas posses, recorrendo á publicação em livrações (cadernos), cada um com tres retratos e suas competentes biographias. Este modo se torna pouco pesado aos subscriptores, que, pagando uma limitada quantia por cada livração publicada em tempo determinado, concluída que seja, se acharão

de posse de uma verdadeira obra de luxo relativamente à impressão e gravuras, de tal distincção que mesmo na Europa poucas existem no mesmo genero que a poderão exceder.

A obra completa formará tres grandes volumes in-folio, contendo cada um 45 retratos e biographias.

Cada volume constará de 15 livrações e 5 retratos com biographias.

O preço de cada livração para os subscriptores, tanto antigos como recentes, continúa a ser de 6,000 cada livração, avulso 8,000.

Os assignantes que novamente entrarem e desejarem o 1º volume já publicado, o poderão ter completo, ou se preferirem o poderão receber em livrações, tomando uma ou duas livrações antigas juntamente com as que nobilmente se publicarem, de sorte que de cada vez só apenas terão que desembolsar uma modica quantia.

N. B. A ultima livração do 3º volume apresentará, além de um indice geral da obra, a lista dos Srs. subscriptores que tiverem recebido os tres volumes, e assim prestado sua protecção a esta publicação nacional, prova irrecusavel do progresso das artes no Brazil.

Conteúdo do 1º volume em 15 livrações, com 45 retratos e biographias.

SUAS Magestades O IMPERADOR D. PEDRO II

E A IMPERATRIZ D. THERESA CHRISTINA MARIA,

e os Exms. Srs. marquez de Abrantes, de Monte-Alegre, de Olinda, de Caxias, de Baependy, de Valença, de Paraná e de Paranaguá, condes de Santa-Cruz, o arcebispo da Bahia, e de Irajá, bispo do Rio de Janeiro, bispo de Arambá, Mont'Alverne, conego Januario, viscondes de Aboete, de Sapucahy, de Urubity, de Itaboraay, de Maranguape, de Cayrú, de Caravellas e do Rio-Bonito, barões de Mauá e de Iguarassú, marechal Lima e Silva, senadores Vergueiro e Alencar, conselheiros Eusebio de Queiroz, Souza Franco, Luiz Pedreira do Couto Ferraz, José Maria da Silva Paranhos, Manoel Felizardo de Souza e Mello, Jeronymo Francisco Coelho, Candido Baptista de Oliveira, José Thomaz Nabuco de Araujo, José Clemente Pereira, José Bonifacio de Andrade, Antonio Carlos de Andrade, Evaristo Ferreira da Veiga, F. Diogo Pereira de Vasconcellos, Bernardo Pereira de Vasconcellos, Sergio Teixeira de Macedo, Drs. Gabriel Jose Rodrigues dos Santos e João da Silva Carrão.

Assigna-se esta obra e vendem-se avulsos na casa do editor S. A. Szesos, Rua dos Ourives n. 55.

Rio de Janeiro, 1850.—Typ. Imp. e Const. de J. VILLENEUVE e Comp.

Fonte: ANÚNCIO PUBLICADO EM 1859 APRESENTANDO O 1º VOLUME DA GALERIA DOS BRASILEIROS ILUSTRES. Acervo Biblioteca Nacional, setor "Obras Raras". Localização 102.6.49.

Através do anúncio, evidencia-se igualmente a já argumentada compreensão de Sisson sobre seus biografados, enaltecidos como referências comportamentais aos demais brasileiros, “*excita[ndo] na mocidade sentimentos da mais nobre emulação*”. Tal aspecto, somado aos esforços do autor em baratear a obra, é ainda entendido como fundamental ao seu sucesso mercadológico:

A nação honrando-os se honra a si mesma, e não poderá deixar de concorrer para uma obra que [encerra] matérias preciosas para a historia pátria contemporânea na crônica pessoal dos vultos mais salientes da nossa época. [...] O editor, no intuito de facilitar a aquisição, lançou mão de um meio que a torna mais suave até para modestas posses, recorrendo à publicação em livrações (cadernos) [...]

Ao que tudo indica, tais anúncios resultaram na grande circulação da *Galeria dos Brasileiros Ilustres*, isto não apenas em seu momento de edição, mas em tempos posteriores. Machado de Assis, por exemplo, ao debruçar-se em fins do século XIX sobre momentos recentes da história do Senado brasileiro, tomou a obra de Sisson como referência às suas considerações:

A propósito de algumas litografias de Sisson, tive há alguns dias uma visão do Senado de 1860. Visões valem o mesmo que a retina em que se operam. Um político, tornando a ver aquele corpo, acharia nele a mesma alma dos seus correligionários extintos, e um historiador colheria elementos para a história. Um simples curioso não descobre mais que o pitoresco do tempo e a expressão das linhas com aquele tom geral que dão as coisas mortas e enterradas. [...] Um dia vi ali aparecer um homem alto, suíças e bigodes brancos e compridos. Era um dos remanescentes da Constituinte, nada menos que Montezuma, que voltava da Europa. Foi-me impossível reconhecer naquela cara barbada a cara rapada que eu conhecia da litografia de Sisson [...].(ASSIS, 1889. p. 159-178)

Editada em fins da década de 1850, a *Galeria* de Sisson parece gozar, então, de relevante prestígio no cenário imperial brasileiro, sendo utilizada, inclusive, como referência a estudos posteriores sobre o período. Se por um lado outras iniciativas de semelhante natureza foram elaboradas em tais temporalidades, decorrentes do já citado “prestigioso mercado de aparências” (MENEZES, 2008) por outro nos parece que a obra do autor francês apresentava certo destaque frente às demais. Para tanto, certamente mostraram-se extremamente relevantes os majestosos apoios e incentivos ofertados pelo governo imperial e pelo próprio imperador D. Pedro II.

3.4 Varões em companhia de três damas

Salve as princesas do brasíleo Império!
Mimosos dons de Supernal favor,
Salve da pátria as filhas mais prezadas;
Seu encanto, esperança, glória, amor!

Singulares pela parceria em suas biografias, as “augustas e sereníssimas Princesas Senhoras D. Isabel e D. Leopoldina” apresentam ainda outra peculiaridade dentro da *Galeria dos Brasileiros Ilustres*: o formato distinto da poesia. Aclamadas não em prosa, mas em

versos, as herdeiras acompanham sua mãe, a Imperatriz Teresa Cristina, constituindo-se nas “três damas de Sisson”.

Galeria de homens públicos oitocentistas, uma óbvia predileção da obra é, então, o sexo masculino. Das oitenta e nove biografias, apenas duas são destinadas às mulheres, justamente à Imperatriz Teresa Cristina e às princesas Isabel e Leopoldina, estas últimas homenageadas em uma biografia única.

D. Teresa Cristina ocupa um lugar interessante na *Galeria*, pois sua biografia é a última do primeiro volume, possivelmente tentativa canhota do editor em lhe atribuir destaque. No entanto, as letras acobertam quaisquer possíveis desmerecimentos, já que sua biografia é uma das mais laureadas.

Como já argumentamos, embora a imperatriz seja extremamente elogiada por Sisson, este o faz por um viés diferente daquele do qual faz uso em relação aos homens glorificados. Assim, são as perfeições de uma mãe e esposa que são dignificadas. Procedimento semelhante pode ser percebido em relação às suas filhas.

As princesas Isabel e Leopoldina são enaltecidas enquanto filhas doces e inocentes, metaforizadas em “anjos majestosos”. Assim como em relação aos outros biografados, suas existências são marcas fundamentais ao benefício da nação brasileira:

São do afeto o mais puro doces prendas / Dois tesouros dos pais e da nação / Dos pais augustos, do Brasil que as amam / Têm dois tronos de amor no coração / [...] Salve as princesas do brasíleo Império! / Mimosos dons de supernal favor / Salve da pátria as filhas mais queridas / Seu encanto, esperança, glória, amor! (SISSON, 1999, v. 2, p. 221-222).

Não obstante tais distinções, além do esforço em apresentar a relevância nacional do biografado, as biografias das princesas apresentam outra semelhança com o restante da *Galeria*, a saber, o enaltecimento do governo monárquico brasileiro, personificado em duas de suas figuras centrais, seus pais:

Salve as princesas, que no berço augusto / Inda pra mais fulgor da majestade / Ao som dormiram de ferventes hinos / Cantados em louvor da liberdade! / Têm dos pais o exemplo das virtudes / Da pátria têm dedicação e ardor / Salve de Pedro e Teresa as filhas! / Salve as prendas de tão ínclito amor! (SISSON, 1999, v. 2, p. -222).

Figura 29 - Litografia das princesas Isabel e Leopoldina



Fonte: SISSON, 1999, v. 2, p. 219.

Para além da óbvia importância da imperatriz e das princesas, um segundo aspecto talvez tenha contribuído para a inclusão destas mulheres em um conjunto biográfico evidentemente masculino, possivelmente o desejo de Sisson em atrair setores do público feminino: “*O modelo augusto da mãe a ser seguido foi a chave com a qual o editor pensava em angariar adesões do público feminino*” (MENEZES, 2008, p. 70-71).³⁵

De qualquer modo, tal inserção correspondia a dois dos mais fundamentais propósitos da *Galeria*: em primeiro lugar, apresentar modelos de conduta aos brasileiros, totalidade que parece não excluir as mulheres. Deste modo, os valores e comportamentos de Teresa Cristina e suas filhas são expostos como paradigmas. Em segundo lugar, a obra editada por Sisson coloca-se claramente na defesa da ordem monárquica então vigente no Brasil. Ao sucesso deste intento, a presença da Imperatriz e das princesas dentre os biografados nos parece referência ainda mais evidente.

3.5 Biografias, biógrafos

Voltamos hoje à primeira idéia que tínhamos de publicar uma Galeria dos homens ilustres do Brasil, acompanhados de notícias biográficas. Deu lugar a isto uma razão mui séria: a impossibilidade em que se acha de fazer as três biografias para cada mês e pessoa encarregada de escrever a obra. Poderiam, é verdade, ser feitas por pessoas diferentes;

³⁵ MENEZES, *Op. Cit.*, p. 70-71.

mas neste caso, tornar-se-á impossível a unidade de pensamento e de vistas que deve haver em uma obra semelhante; o que seria um grandíssimo inconveniente. (SISSON, 1939, p. 11)

Primeiras palavras escritas por Sebastião Augusto Sisson na *Galeria dos Brasileiros Ilustres*, tais termos são professados com o intuito de apresentar uma possível característica da obra que, a partir de inúmeras evidenciadas, parece ser difícil de ser constatada: a autoria única das oitenta e nove biografias que a compõem. Em nome de uma pretensa “unidade de pensamento”, Sisson adverte o leitor sobre a importância da unicidade autoral, o que indicaria ser este aspecto constitutivo de sua *Galeria*.

Entretanto, nos vocábulos conseguintes, o próprio litógrafo nos oferta um indício favorável à hipótese da co-autoria na constituição das biografias de sua obra, apontando para a relevância de trabalho anterior que, de semelhante natureza, fora publicado por José de Alencar:

Não renunciamos todavia à publicação da obra, com o título: Os Contemporâneos do Brasil, pelo Sr. Dr. J. M. de Alencar: pelo contrário, esperamos dar brevemente à luz, em formato de oitavo e em mais de um volume, a história dos brasileiros que têm ilustrado a sua terra. Estas biografias, severamente escritas, farão conhecer o seu autor por uma nova face: a de historiador, título que eclipsará aqueles que já têm como jornalista e romancista (SISSON, 1939, p. 11).

Embora a maioria das biografias que compõem a *Galeria dos Brasileiros Ilustres* não seja assinada, relevantes evidências indicam José de Alencar como o autor de pelo menos algumas delas. Em 1857, dois anos antes do lançamento da primeira edição da *Galeria*, algumas de suas biografias já circulavam sob a forma de fascículos em jornais da capital federal, respondendo pelo título de “Os Contemporâneos do Brasil”. A obra foi então anunciada pelo Diário do Rio de Janeiro ao 14 de junho de 1857, indicando Sisson como seu editor e litógrafo, e José de Alencar como autor das biografias: “Os Contemporâneos do Brasil: Editor A. Sisson. [...] As biografias são escritas pelo Dr. J. M de Alencar, os retratos litografados por A. Sisson” (DIÁRIO DO RIO DE JANEIRO, 1857).

Há de se lembrar, então, que Alencar aproxima-se mais uma vez de Sisson ao reservar grande espaço de suas produções ao gênero biográfico. Representante do movimento romântico brasileiro, assentava em primeiro plano o indivíduo e sua capacidade criativa, atribuindo-lhe o papel de protagonista em sua existência. O biográfico, neste cenário, ganha em importância.

No já citado anúncio editado em 1859 que apresenta ao público o primeiro volume da *Galeria dos Brasileiros Ilustres*, uma passagem textual corrobora a suposição acerca da existência de colaboradores de Sisson na escrita das biografias, afirmando sobre a obra que

“quanto à parte literária, as biografias sairão da pena dos escritores mais ilustres e prediletos do público” (ANÚNCIO..., 1859).

A somar, a *Galeria* apresenta em seu conjunto uma série de divergências que igualmente fragilizam a hipótese da exclusividade de Sisson em relação à autoria das biografias: o tamanho dispare destas – não sendo as maiores destinadas necessariamente aos personagens políticos supostamente mais proeminentes – desacordos em relação às etapas e feitos das vidas dos biografados que mereceriam destaque pelo biógrafo – por vezes, dar-se valor à infância e mocidade, por outras são fases desprestigiadas – e a variedade no estilo de escrita – ora mais rebuscado, ora mais objetivo – são apenas algumas das variabilidades que corroboram a hipótese da co-autoria.

Quanto ao número de páginas dispostas em cada uma das biografias, parece então não haver maiores padronizações ou lógica evidente para sua quantificação. Deste modo, as maiores possuem mais de trinta páginas, enquanto as menores chegam a ter somente quatro laudas, incluindo o espaço destinado à exposição da litografia em questão. São os casos das biografias de, respectivamente, Francisco José de Sousa Soares de Andréia, o Barão de Caçapava, e Francisco Diogo Pereira de Vasconcelos.

Figura 30 - Litografia do Barão de Caçapava



Fonte: SISSON, 1939 v. 2, p. 101.

Figura 31 - Litografia de Francisco Diogo



Fonte: SISSON, 1999, v. 2, p. 219.

Os formatos das biografias diferem ainda em relação a outros elementos, pois enquanto algumas se utilizam de epígrafes e notas de rodapé, como são os casos da homenagens feitas à, respectivamente, Francisco Gomes de Campos e o Conselheiro José Antônio Saraiva, a maioria dos escritos não empregam recursos de semelhante natureza.

Figura 32 - Litografia de José Antônio Saraiva



Fonte: SISSON, 1999, v. 2, p. 69.

Dado esclarecedor acerca da co-autoria na obra editada por Sisson é a presença de assinaturas em três das oitenta e nove biografias que a constituem. Enquanto a biografia de João Pereira Darrigue Faro, o Visconde do Rio Bonito, é firmada por Francisco Otaviano (identificado como “F.O.”), a de Domingos Ribeiro dos Guimarães Peixoto, o Barão de

Iguaraçu, é assinada por um certo “Dr. Ch. J. F. Carron du Villards”³⁶ e as de Diogo Antônio Feijó e de Joaquim Marcelino de Brito pelo “Dr. Melo Moraes”.

Figura 33 - Litografia do Visconde do Rio Bonito



Fonte: SISSON, 1999, v. 2, p. 69.

Figura 34 - Litografia do Barão de Iguaraçu



Fonte: SISSON, 1999, v. 2, p. 69.

³⁶ O Médico Charles Joseph Frédéric Carron du Villards (1800-1860) chegou ao Rio de Janeiro em 1858, instalando-se em consultório localizado no centro da cidade, “*cercado de vasta propaganda em jornais, revistas e almanaques da época*”. No mesmo ano foi convidado pelo Marques de Abrantes, provedor da Santa Casa da Misericórdia, para dirigir o primeiro Serviço Público de Oftalmologia, tornando-se assim o primeiro chefe de escola de oftalmologia do Brasil. Informações disponíveis em HISTÓRIA DA CASA DE SAÚDE... *História da Casa de Saúde Dr. Eiras*. Disponível em: <http://ww.hmattos.kit.net/historiadacasadesaude.html>. Acesso em: 27 set. 2009

Figura 35 - Litografia do Joaquim Marcelino de Brito



Fonte: SISSON, 1999, v. 2, p. 323.

Algumas biografias, ou ao menos determinados trechos das mesmas, são claramente cópias de outros escritos, especialmente necrológicos, panegíricos, correspondências e outras produções anteriores, como a Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Tais reproduções constituem parcialmente, por exemplo, as notícias biográficas que homenageiam, respectivamente, Francisco de Paula de Souza e Mello, Frei Francisco de Monte Alverne, Francisco de Lima e Silva e José da Silva Lisboa, o Visconde de Cairu.

Figura 36 - Litografia do Visconde de Cairu



Fonte: SISSON, 1999, v. 1, p. 155.

Figura 37 - Litografia de Francisco de Paula Souza



Fonte: SISSON, 1999, v. 2, p. 367.

Considerando-se tantas variáveis, ganha força a hipótese da co-autoria na elaboração da *Galeria*, não apenas entre Sisson e um ou outro colaborador, mas ao menos “trinta e nove colaboradores”:

No Dicionário de pseudônimos, de Tancredo de Barros Paiva encontrei a informação de que a obra de Sisson teve, pelo menos, 39 colaboradores, responsáveis por 70 notícias biográficas. Podemos dividi-los em quatro grupos: 1. os redatores independentes (23); 2. os redatores membros da família, mas não identificados (7); 3. os membros da família identificados (2); 4. as autobiografias (7). Para as 20 biografias restantes Tancredo de Barros Paiva não indica o autor. Entre os colaboradores, observa-se a presença de figuras importantes da cena intelectual brasileira do período, entre os quais dois notáveis do IHGB, Manuel de Araújo Porto Alegre e Joaquim Caetano Fernandes Pinheiro; jornalistas conhecidos tais como Francisco Otaviano de Almeida Rosa, também senador, ministro e poeta, e Justiniano José da Rocha, considerado o homem mais importante da imprensa da sua época, ou ainda, um grande escritor como José de Alencar que escreveu duas biografias, sendo uma delas de seu próprio pai.³⁷

Frente a tais inconstâncias, a companhia da litografia do homenageado a cada notícia biográfica caracteriza-se, então, como aspecto convergente da *Galeria dos Brasileiros Ilustres*: “A única marca unificadora da obra é o retrato litografado de cada indivíduo, de modo geral, assinado por Sisson”³⁸, afirma Temístocles Cezar. Em nosso entendimento, outras referências podem ser caracterizadas como “marcas unificadoras” da *Galeria*, notadamente a defesa de determinados valores e práticas vinculados ao fortalecimento da ordem monárquica brasileira por parte dos biografados.

³⁷ CEZAR, *Op. cit.*, p. 85.

³⁸ *Idem.*

Deste modo, se por um lado nos parece plausível, diante de inúmeras evidências, a proposição da co-autoria em relação à produção das biografias da *Galeria dos Brasileiros Ilustres*, por outro ratificamos a compreensão que percebe poderosas uniformidades na obra, em destaque a figuração do homem público em “modelo virtuoso”, a contemporaneidade dos biografados e, sobretudo, a já argumentada parceria entre litografia e biografia em favor da exaltação do governo imperial brasileiro então instaurado.

CONCLUSÃO

Coletânea biográfica, obra de História, produção de memória são tipificações perfeitamente cabíveis à *Galeria dos Brasileiros Ilustres*. Talvez, aliás, sua mais clara compreensão resida justamente na junção destas três acepções: biográfica em seu estilo, histórica em sua essência e memorialística por sua significação.

Galeria de narrativas responsáveis pela exposição de “vultos de nação” através da *escrita da vida* de “heróis nacionais”, a obra de Sisson pode ser compreendida, então, enquanto uma produção que, dentre outros usos possíveis, tinha como principal intuito despertar admiração por seus varões eleitos. Através “*da pena*” do biógrafo, os “homens de exceção” do Brasil, após uma seleção meritocrática, puderam ser salvos do olvido do passado, sendo suas vidas narradas em glórias e suas ações interpretadas como símbolos de conduta por seus compatriotas.

Caberia ao(s) biógrafo(s), neste sentido, convencer o leitor acerca da excelência dos valores e comportamentos apresentados através da narrativa da vida de seus biografados. A biografia surge, assim, como o melhor meio de mostrar as ligações entre passado e presente, memória e projeto, indivíduo e sociedade, e de experimentar o tempo como prova de vida. Trata-se, nestes termos, de salientar a importância do “outro” para a constituição do “todo”. Por “outro” entenda-se o “herói”, indivíduo extraordinário, pois além da mediocridade, mas alcançável, por seu caráter pedagógico. Por “todo” entenda-se a nação, constituída a partir da sociabilidade de indivíduos que devem nortear os atos heróicos do biografado como utopia.

Portanto, caracterizada pela figuração do homem público em “modelo virtuoso”, pela contemporaneidade de seus biografados e pela parceria entre litografia e biografia em favor da exaltação do governo imperial brasileiro então instaurado, a *Galeria dos Brasileiros Ilustres* pode ser entendida como manifestação do uso da biografia na qualidade de discurso fundador e difusor da memória e da identidade da nação brasileira, sendo veiculados a partir de tal narrativa valores e práticas de um certo imaginário nacional garantidor, entre outros aspectos, do caráter unitarista e centralizador do regime monárquico então vigente.

REFERÊNCIAS

ALMANAK LAEMMERT: ADMINISTRATIVO, MERCANTIL E INDUSTRIAL DO RIO DE JANEIRO. Rio de Janeiro: Companhia Typographica do Brazil, 1844. 1877-1877. Disponível em: http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_periodicos/almanak/djvu/1877/1877.djvu. Acesso em: 11 jan. 2010.

ANDERSON, Benedict. *Imagined Communities: Reflections on the origin an spread of nationalism*. ed. rev. London: Verso, 1991.

ANÚNCIO PUBLICADO EM 1859 APRESENTANDO O 1º VOLUME DA GALERIA DOS BRASILEIROS ILUSTRES. Acervo Biblioteca Nacional, setor “*Obras Raras*”. Localização 102.6.49.

ARARIPE, Tristão de Alencar. Indicações sobre a história nacional. *Revista do IHGB*, v. 57, n. 90, pt. 2, p. 259-290, 1894.

ASSIS, Machado de. O Velho Senado. In: ASSIS, Machado de. *Páginas Recolhidas*. Rio de Janeiro: H. Garnier, 1889. p. 159-178.

BARBOSA, Januário da Cunha. Discurso do Primeiro Secretário Perpétuo do Instituto. *Revista do IHGB*, t. 1, p. 9-17, 1839.

BARROS, Myrian Moraes Lins de. Memória e Família. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, CPDOC/FGV, v. 2, n. 3, p. 29-42, 1989.

BERSTEIN, Serge. A Cultura Política. In: RIOUX, Jean-Pierre; SIRINELLI, Jean-François (dir.). *Para uma História Cultural*. Lisboa: Estampa, 1998. p. 349-364.

BOURDIEU, Pierre. A Ilusão Biográfica. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes (org.). *Usos e Abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 1996. p. 183-191.

BRAUDEL, Fernand. *Escritos sobre a História*. São Paulo: Perspectiva, 1978.

CÂNDIDO, Antônio. *Formação da Literatura Brasileira: Momentos decisivos*. 6. ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 2000. 2 v. V. 2: 1836-1880.

CARVALHO, José Murilo de. *A construção da ordem: A elite política imperial*. Rio de Janeiro, 1980.

CATROGA, Fernando. *Memória, História e Historiografia*. Coimbra: Quarteto, 2001.

CERTEAU, Michel de. *A Escrita da História*. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.

CEZAR, Temístocles. Livros de Plutarco: biografia e escrita da história no Brasil do século XIX. *Métis: história & cultura*, v. 2, n. 3, p. 73-94, jan./jun. 2003.

CEZAR, Temístocles. Lição sobre a escrita da história e nação no Brasil do século XIX. *Diálogos*, Maringá, PR, v. 8, n. 1, p. 11-29, 2004. Disponível em: <http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/Dialogos/article/view/38021>. Acesso em: 01 jul. 2009.

DIÁRIO DO RIO DE JANEIRO, Rio de Janeiro, a. 37, n. 161, p. 3. 14 jun. 1857. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=094170_01&pasta=ano%20185&pesq=&pagfis=44824. Acesso em 13 jul. 2009.

DORIA, Luis Gastão d'Escragnolle. Sebastião Sisson. *Revista da Semana*, v. 36, n. 6, p. 18, jan. 1935. Disponível em: http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=025909_03&pagfis=11707. Acesso em: 20 jun. 2009.

ELIAS, Norbert. *A Sociedade dos Indivíduos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

FAMÍLIA SISSON: A HISTÓRIA DA FAMÍLIA SISSON NO BRASIL. *Interior da oficina litográfica de Lemercier*. [18--]. 1 gravura. Disponível em: www.familiasisson.files.wordpress.com/2007/09/interior-of-the-lemercier-lithographic-printing-firm-in-paris.jpg. Acesso em: 01 jul. 2009.

FAMÍLIA SISSON: A HISTÓRIA DA FAMÍLIA SISSON NO BRASIL. *Sébastien Auguste Sisson*. [18--]. 1 gravura. Disponível em: <http://familiasisson.files.wordpress.com/2007/09/foto-moldura-sisson.jpg>. Acesso em: 23 jun. 2009.

FAMÍLIA SISSON: A HISTÓRIA DA FAMÍLIA SISSON NO BRASIL. *Vista do Jardim Botânico*. [1862]. 1 gravura. Disponível em: www.familiasisson.files.wordpress.com/2007/09/vista-do-jardim-botanico1.jpg. Acesso em 02 jul. 2009.

FAUSTO, Boris. *História do Brasil*. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2004.

GAY, Peter. *Freud para Historiadores*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.

GOMES, Angela de Castro. (org.). *Escrita de Si, Escrita da História*. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

GONÇALVES, Márcia de A. Histórias de gênios e heróis do Brasil: indivíduo e nação no Romantismo brasileiro. In: GRINBERG, Keila; SALLES, Ricardo H. (org.). *O Brasil Imperial (1831-1870)*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009. v. 2, p. 425-465.

GONÇALVES, Márcia de A. *Em terreno movediço: Biografia e história na obra de Octávio Tarquínio de Sousa*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2009.

GUIMARÃES, Lúcia Maria Paschoal. Debaixo da imediata proteção de Sua Majestade Imperial: o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (1838-1889). *Revista do IHGB*, Rio de Janeiro, v. 156, n. 388, p. 187-138, jul./set. 1995.

GUIMARÃES, Manoel Luiz Salgado. Nação e Civilização nos Trópicos: o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e o projeto de uma História Nacional. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 1, n.1, p. 5-27, 1988.

GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

GINZBURG, Carlo. (Org). *A micro-história e outros ensaios*. Lisboa: DIFEL, 1989.

GUINSBURG, Jacó.; ROSENFELD, Anatol. Romantismo e Classicismo. In: GUINSBURG, Jacó. (Org). *O Romantismo*. 4. ed. São Paulo: Perspectiva, 2005. p. 262-263.

HISTÓRIA DA CASA DE SAÚDE... *História da Casa de Saúde Dr. Eiras*. Disponível em: <http://ww.hmattos.kit.net/historiadacasadesaude.html>. Acesso em: 27 set. 2009.

KOSELLECK, Reinhart. Uma História dos Conceitos: problemas teóricos e práticas. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 134-146, 1992. Disponível em: <http://biblioteca.digital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/1945>. Acesso em: 21 jun. 2009.

KOSELLECK, Reinhart. *Futuro Passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: PUC-RIO, 2006.

LE GOFF, Jacques. Comment écrire une biographie historique aujourd'hui?. *Le Debat*, n. 54, p. 48-52, mar./abr. 1989.

KOSELLECK, Reinhart. *São Luís: Biografia*. Rio de Janeiro: Record, 1999.

LEVI, Giovanni. Usos da biografia. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de M. (Orgs.). *Usos e abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: FGV, 1996.

LEVILLAIN, Philippe. Os protagonistas da biografia. In: RÉMOND, René. (Dir.). *Por uma história política*. Rio de Janeiro: FGV, 2003.

LIMA, Herman. *História da Caricatura no Brasil*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1963.

LIMA FILHO, Henrique Espada R. Biografia e Microstoria: o uso da biografia na historiografia italiana contemporânea. *Cadernos do Centro de Filosofia e Ciências Humanas da UFPA*, Belém, v. 12, n.1-2, p. 1-11, jan./dez. 1993.

LOPES, José Reinaldo de Lima. Iluminismo e Jusnaturalismo no ideário dos juristas da primeira metade do século XIX. In: JANCSÓ, István. (org.). *Formação dos Estado e da Nação*. São Paulo: Hucitec, 2003. p. 194-218.

LORIGA, Sabina. A Biografia como problema. In: REVEL, Jacques. (org.). *Jogos de Escala: a experiência da microanálise*. Rio de Janeiro: FGV, 1998, p. 225-250.

MATTOS, Ilmar Rohloff de. *O tempo saquarema: A formação do estado imperial*. 5. ed. São Paulo: Hucitec, 2004.

MENEZES, Paulo Roberto de Jesus. *Sociedade, Imagem e Biografia na Litografia de Sebastião Sisson*. 2008. 116 f. Dissertação (Mestrado em História Social) – Faculdade de História, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

NORA, Pierre et al. *Les Lieux de mémoire: I. La République*, Paris: Gallmiard, 1984.

ORLANDI, Eni Puccineli (org.). *Discurso fundador: A formação do país e a construção da identidade nacional*. Campinas: Pontes, 1993.

PINHEIRO, Joaquim Caetano Fernandes. Relatório do primeiro secretário interino cônego Dr. J. C. Fernandes Pinheiro. *Revista do IHGB*, v. 22, p. 683-704, 1859

PONTUAL, Roberto. *Dicionário das artes plásticas no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1969.

REVEL, Jacques. Microanálise e construção do social. In: REVEL, Jacques (org). *Jogos de Escala: a experiência da microanálise*. Rio de Janeiro: FGV, 1998. p. 34-38.

RIBEIRO, Renato Janine. Memórias de si, ou... *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 11, n. 21, p. 35-43, 1998. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2068/1207>. Acesso em: 10 jul. 2009.

RIMBAUD, Arthur. *Uma Temporada no Inferno*. 2. ed. Porto Alegre, RS: L & PM, 2007.

ROCHA, Justiniano José da. Ação, Reação e Transação. Duas palavras acerca da atualidade política do Brasil. In: MAGALHÃES JUNIOR, Raimundo. (org). *Três panfletários do Segundo Reinado*. São Paulo, 1965. p. 159-205.

RODRIGUES, José Honório. Capistrano e a historiografia brasileira. *Revista do IHGB*, Rio de Janeiro, v. 221, p. 120-138, out./dez. 1953.

ROJAS, Carlos Antonio Aguirre. La biografia como género historiográfico: alguns reflexiones sobre sus posibilidades actuales. In: SCHMIDT, Benito Bisso. (org.). *O biográfico: perspectivas interdisciplinares*. Santa Cruz do Sul, RS: EDUNISC, 2000. p. 9-48.

SCHMIDT, Benito. Construindo biografias... Historiadores e Jornalistas: aproximações e Afastamentos. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, v. 10, n. 19, p. 3-21, 1997. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2040>. Acesso em: 18 jul. 2009.

SCHWARCZ, Lília Moritz. *Os Guardiões da Nossa História Oficial*. São Paulo: IDESP, 1989. (História das Ciências Sociais, n. 9).

SEGALA, Lygia. O Retrato, a letra e a história: notas a partir da trajetória social e do enredo biográfico de um fotógrafo oitocentista. In: ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS, 22., 1998, Caxambu. *GT Biografia e Memória Social*. Caxambu, MG: [s.n.], 1998.

SILVA, João Manuel Pereira da. *Plutarco Brasileiro*. Rio de Janeiro: Laemmert, 1847. 2 v.

SILVA, João Manuel Pereira da. *Os varoes illustres do Brazil durante os tempos coloniaes*. Rio de Janeiro: Livraria de B.L. Garnier, 1856/1868. 2 v.

SILVA, José Bonifácio de Andrada e. *Projetos para o Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras: Publifolha, 2000.

SISSON, Roberto. *La revolución democrática progresista brasileña*. Buenos Aires: Rio-Buenos Aires, 1939.

SISSON, Sebastião. A. *Galeria dos Brasileiros Ilustres*. Brasília: Senado Federal, 1999.

SOUZA, Adriana Barreto de. *Duque de Caxias: o Homem por trás do Monumento*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

SOUZA, Roberto Acízelo de. *O Império da Eloquência: retórica e poética no Brasil oitocentista*. Rio de Janeiro, RJ: EDUERJ, EDUFF, 1999.

TCHEKHOV, Anton Pavlovitch. *A Gaivota*. [S.l.]: Cosac & Naify, 1896.

TORRES-HOMEM, Francisco de Sales (Timandro). O Libelo do Povo. In: MAGALHÃES JUNIOR, Raimundo (org). *Três panfletários do Segundo Reinado*. São Paulo, 1965. p. 7-124.